

## A Viagem a Goa do Médico de Henrique IV

DEJANIRAH COUTO\*

*“Voilà les faits admirables de Nature, et comme elle se plaît à faire choses grandes, diverses et le plus souvent incompréhensibles et admirables aux hommes”*

André Thévet, *Les singularités de la France Antarctique* (1557),  
ed. Franck Lestringant, Paris: Ed. Chandeigne, 1997, p. 201.



\* “Maître de conférences” na École Pratique des Hautes Études (Paris), onde lecciona História de Portugal e a sua expansão na Ásia, e professora na Universidade de Paris III - Sorbonne Nouvelle, onde lecciona, além de História de Portugal, História da África e da Ásia lusófonas. Os seus numerosos trabalhos incidem nomeadamente sobre a presença portuguesa no Oceano Índico e sobre os contactos com o mundo islâmico e indo-islâmico. Coordena actualmente o Conselho Científico da revista *Lusotopie, Recherches politiques internationales sur les espaces issus de l’histoire et la colonisation portugaises*.

“Maître de conférences” at the École Pratique des Hautes Études (Paris), where she lectures in Portuguese History and Overseas Expansion in Asia. She teaches at the University of Paris III - Sorbonne Nouvelle, lecturing on the History of Portugal, History of Portuguese-Speaking Africa and Asia. Her extensive writings focus mainly on the Portuguese presence in the Indian Ocean and their contacts with the Islamic and Indo-Islamic worlds. She currently coordinates the Academic Board of *Lusotopie, Recherches politiques internationales sur les espaces issus de l’histoire et la colonisation portugaises*.

Numa passagem de *Os Três Mosqueteiros*, de Alexandre Dumas, Bonacieux, em conversa com D'Artagnan, explica-lhe as origens da sua riqueza, proveniente, diz ele, das duas ou três mil moedas de renda que o comércio da mercearia lhe proporciona e do investimento de alguns fundos na última viagem do “célebre navegador Jean Mocquet”. A menção, devida aparentemente à imaginação de Dumas, remete, no entanto, para a verdade histórica: as viagens efectuadas entre 1601 e 1614, a África, ao Brasil, ao Levante e às Índias, por Jean Mocquet, boticário da corte e chefe do “Gabinete de Singularidades” do rei de França, nas Tulherias.

#### VIDA E CARREIRA

Do homem, boticário, naturalista, coleccionador, não sabemos muito. São raros os documentos sobre a sua vida e as poucas breves notas biográficas que lhe são consagradas baseiam-se em dados incertos, porventura

falsos. As suas origens eram modestas. Nasceu em 1575 na vila de Cuissy, próximo da abadia de Juilly, em Seine-et-Marne<sup>1</sup>. Era, pois, um “parisiense” no sentido mais amplo do termo, daí as suas numerosas referências a Paris e às aglomerações situadas nos limites da capital, como Corbeil ou Saint Denis. Aliás, o próprio refere sobre si mesmo: “Jean Mocquet é o meu nome, Paris a minha pátria, natural de Cuissy, perto da abadia de Juilly, onde o rei se desloca frequentemente para se entregar aos seus prazeres, local da sua educação, satisfazer os seus desejos”<sup>2</sup>. Em 1576, quando ainda era “criança de peito”, o seu pai foi preso por dívidas, em Meaux. Enquanto as dívidas não foram regularizadas, a mãe e o bebé ficaram presos e os móveis foram arrestados.

Estaria este encarceramento relacionado com as ideias políticas da sua família? Não se sabe ao certo, mas o compromisso desta ao lado de Henrique IV, referido pelos seus biógrafos, também não ficou provado. Tão-pouco conhecemos as circunstâncias que levaram Mocquet a ser boticário e a ser admitido no séquito do rei. A sua nomeação como “boticário oficial” de Henrique IV parece remontar a 1605, data da sua partida para Marrocos; é o que se pode deduzir da leitura do texto do “privilégio” que acompanha a primeira edição do seu relato, datada de 12 de Agosto de 1616. O acesso à corte seria devido a conhecimentos familiares? Ou à sua inserção no “meio” dos boticários? As suas origens serão, assim, modestas e não sabemos mais do que isso. Do mesmo modo, pouco conhecemos sobre as suas tendências religiosas. Mocquet não era muito dado a confidências e era discreto nas suas intenções. Além do mais, demonstra um patriotismo pouco convencional: “E de todas as regiões da Europa, a França é de longe a que merece o prémio, mesmo no entender das nações suas inimigas, quer pela bondade, fertilidade e beleza da sua terra [...] quer quando se observa os costumes das suas gentes, a sua piedade, valor, erudição, justiça, disciplina, liberalidade, franqueza, cortesia, liberdade e muitas outras qualidades civis e militares”<sup>3</sup>.

O seu relato contém, todavia, comentários “anti-apostólicos”, que não contradizem uma profissão de fé católica, aliás, mencionada uma única vez e certamente demasiado sublinhada para ser verdadeira. O tom é também francamente anti-hispânico: a Contra-Reforma não estava longe. Seria ele um huguenote arrependido, como muitos outros do séquito de Henrique IV?

Torna-se mais fácil precisar as suas relações com o rei. Eram relações calorosas; enquanto boticário real,

## OS VIAJANTES EUROPEUS E O MUNDO NATURAL ASIÁTICO - I

Mocquet partilhava a intimidade do soberano e assistia mesmo às suas purgas. Foi Henrique IV, pelo que se depreende do seu relato, que lhe encomendou uma parte das suas viagens: ele tinha “prazer nas narrativas que lhe fazia no meu regresso”<sup>4</sup>.

Mocquet era chamado à sua cabeceira para que o divertisse com as suas histórias de viagens. O anúncio da sua morte perturbou profundamente o boticário, que testemunhará o seu afecto a Henrique IV na dedicatória da sua *Voyage*; se bem que dirigida a Luís XIII, o elogio do “bom rei”, designado como o “melhor rei” e o “melhor pai de todos os tempos” ocupa grande parte da dedicatória. Coleccionador inveterado, enfrentando os perigos para enriquecer as suas colecções e saciar a sua paixão, Mocquet trazia de cada uma das suas viagens os objectos estranhos que considerava dignos de interesse: pedras, um anel peniano índio, uma pele de iguana, papagaios e várias espécies de macacos. Chega mesmo a comprar a pele de uma das espécies, desconhecida na Europa, e conserva durante algum tempo uma preguiça no tombadilho do navio em que embarcou. Nutria uma especial atracção pelas plantas: colocadas em caixas, as espécies raras que resistiam à viagem eram então plantadas diante do quarto do rei, enriquecendo deste modo os jardins do Louvre. Entre as prendas oferecidas ao soberano conta-se o mel africano conservado nos potes originais.

De espírito pragmático, Mocquet negociava também por sua conta, uma forma inequívoca de assegurar os seus rendimentos e garantir a compra das suas colecções. Por exemplo, a madeira de aloés que trouxe da sua viagem ao Maranhão, em 1604, abasteceu os boticários de Tours, Poitiers, Angers, Fontenay e La Rochelle, entre outros. E, embora este aloés, ainda verde, não tivesse a qualidade do aloés proveniente do Oriente, os boticários pagavam-no a bom preço, entre 10 e 20 soldos a onça.

Foi no regresso da sua quinta viagem (à Terra Santa) que lhe foi concedida autorização para colocar os objectos que trouxe no Palácio das Tulherias e aí instalar um “Gabinete de Singularidades” do rei<sup>5</sup>. Alguns biógrafos e o erudito Ferdinand Denis sustentaram que Mocquet era o sucessor de André Thévet, cosmógrafo de Henrique IV, nas suas funções de chefe do gabinete. Ora, uma tal instituição não existia antes de Mocquet: a documentação relativa a Thévet não dá conta da existência de qualquer gabinete. Em contrapartida, uma das versões do testamento deste cosmógrafo refere que

ele possuía um móvel dourado onde se encontravam coisas “monstruosas”, consideradas de grande valor comercial, tendo algumas destas provavelmente sido oferecidas ao rei. Mocquet continuou as colecções do cosmógrafo real, recuperou possivelmente alguns objectos e organizou a sua exposição. Destas colecções não existem quaisquer vestígios, mas a clava ritual utilizada para a execução dos prisioneiros dos índios Tupinambá, conhecida por “clava de Thévet” (Musée de l’Homme, Paris), fazia provavelmente parte das mesmas.

Mocquet afirmava ter participado nas experiências de Fontainebleau, durante as quais a técnica índia de fazer fogo, por fricção de dois pedaços de pau, teria sido mostrada ao soberano. Embora a sua participação não esteja confirmada, tornou-se uma autoridade em matéria de exotismo. Uma dúzia de expressões indianas no seu relato prova que possuía algumas noções de caribe, carijó e tupi, adquiridas provavelmente por intermédio dos índios que serviram de intérpretes à expedição de 1604. Com efeito, as poucas expressões que constam do seu relato não têm a sua origem no capítulo XX da *Histoire d’un voyage fait en la terre du Brésil* de Jean de Léry (1578) – *Colloque d’entrée ou arrivée en la terre du Brésil entre les gens du pays nommez Tououpinambaoults et Toupinenkins en langage sauvage et François* –, que era na época o mais completo léxico das línguas indígenas do Brasil. De qualquer forma, a conversa que manteve nos primeiros dias de Abril de 1613 com os seis índios trazidos por Razilly a Luís XIII testemunha a favor dos seus conhecimentos linguísticos<sup>6</sup>.

Mocquet alojou o jovem Yapoco, um dos membros da delegação, e apresentou-o ao rei, que quis ouvir os dois a conversar na língua do índio. Não sabemos se a audiência real teve lugar no dia da apresentação geral dos índios Tupinambá à corte, no Louvre, em 15 de Abril de 1613. As testemunhas do acontecimento notaram, no entanto, que nesse dia Yapoco pronunciou um discurso na sua língua, no qual agradecia ao jovem Luís XIII e lhe solicitava que enviasse franceses ao Maranhão.

## A PESSOA E O MÉDICO

Não é possível compreender a obra *Voyage en Afrique, Asie, Indes Orientales & Occidentales* sem compreender primeiro a pessoa, o seu carácter, os seus conhecimentos e os seus interesses. Era um pragmático,

## EUROPEAN TRAVELLERS AND THE ASIAN NATURAL WORLD - I

dotado de sangue-frio, um pouco cínico (tudo se pode comprar com dinheiro, dizia), prudente, oportunista, obstinado e muito convencido. Não era um homem de grande cultura ou de grande sabedoria, apesar da sua pretensão, a qual ostenta com constância ao longo de todo o relato. Os seus conhecimentos práticos suplantavam os teóricos, que eram limitados. Tinha algumas luzes de cosmografia (cuja exactidão e extensão podem ser apreciadas na introdução da obra *Voyage en Afrique, Asie, Indes Orientales & Occidentales*)<sup>7</sup> e sabia um pouco de latim, mas certamente não ao ponto



de poder discorrer nesta língua, como aquele outro médico espanhol que encontrou em Jerez de la Frontera. Aliás, desconfiava do conhecimento livresco e nunca perdia a oportunidade de ridicularizar os médicos que, conhecendo o latim, não curavam os doentes: não possuíam o “conhecimento dos medicamentos e da experiência”. O seu conhecimento foi, aliás, posto à prova aquando do embalsamamento do conde da Feira e de André Furtado de Mendonça<sup>8</sup>. Como o foi em relação ao célebre boticário e botânico Antoine Colin, autor da obra *Histoires des drogues, épiceries et certains médicaments simples qui naissent aux Indes et en l'Amérique* (1619), tradução de grandes tratados ibéricos do século XVI sobre estas questões dos portugueses Garcia da Orta (1563) e Cristóvão da Costa (1578) e do sevilhano Nicolau Monardes (1568)<sup>9</sup>. Antoine Colin estava ligado ao meio dos boticários de Sevilha, à época muito fechado e importante, que frequentara antes de continuar o estudo das plantas e das drogas em Bruges, Bruxelas, Antuérpia e Londres<sup>10</sup>. Sabemos que Mocquet o visitou em Lyon, em Agosto de 1611. Foi provavelmente graças a este que o nosso médico foi hospedado por um rico boticário português de Sevilha, Afonso Rodrigues, e por um dos seus antigos empregados, Juan Sánchez, aquando da sua passagem por Sevilha, em 1614.

Mocquet foi, no entanto, um espírito prático, curioso, com uma sólida experiência de cirurgião e de boticário, um especialista em purgas, sangrias, unguentos, autópsias e embalsamamentos. O seu conhecimento empírico e o seu gosto pela observação, aliados a uma certa percepção das coisas úteis, colmatavam as suas lacunas e aproximaram-no dos médicos e naturalistas do Renascimento, dos quais Garcia da Orta e os franceses Antoine Colin e Charles de l'Écluse<sup>11</sup> foram eminentes representantes. Mocquet também teve o mérito de suscitar o interesse pela botânica exótica, informando os franceses sobre o conhecimento português e espanhol sobre esta ciência destinada a tantas aplicações terapêuticas.

Não poderemos, bem entendido, classificá-lo na categoria dos aventureiros que emigraram para os quatro cantos do globo nos finais do século XVI: Mocquet faz prevalecer o seu estatuto de médico ao

André Furtado de Mendonça. In Francisco Xavier V. de Sá, *Vice-Reis e Governadores da Índia Portuguesa*, Macau, CTMCDP, 1999.

## OS VIAJANTES EUROPEUS E O MUNDO NATURAL ASIÁTICO - I

longo de todo o seu relato. Mas as suas dificuldades materiais, nomeadamente em Goa (onde ficou reduzido à mendicidade), os expedientes a que certamente teve que recorrer para sobreviver, a “vadiagem” incessante, uma actividade ao serviço da informação secreta, classificam-no numa categoria particular, a dos “médicos aventureiros”.

## AS VIAGENS

Ainda mais aventureiro que o índio Yapoco, Mocquet declarou ter efectuado, entre 1601 e 1614, seis viagens, cinco para fora da Europa e uma última ao sul do continente europeu. As três primeiras levaram-no, respectivamente, às costas do Magrebe atlântico (“Barbaria”)<sup>12</sup>, ao Maranhão (e à Guiana) e a Marrocos (mais precisamente a Marraquexe). A quarta viagem, a *Voyage en Éthiopie, Mozambique, Goa et autres lieux d’Afrique & des Indes Orientales (1607-1610)*, é, sem dúvida, a mais interessante e a mais conseguida do ponto de vista literário<sup>13</sup>. As duas últimas, que não serão objecto do presente estudo, levaram-no à Terra Santa e a Espanha, mas a segunda viagem desta série deve ser considerada como uma viagem perdida, uma espécie de “falsa partida”, na medida em que foi apenas a primeira escala da volta ao mundo que Mocquet projectou e que não conseguiu concretizar<sup>14</sup>. Por motivos que têm a ver com aspectos que gostaríamos de realçar – a sua actividade de médico e de naturalista no contexto asiático –, apenas evocaremos aqui as duas grandes viagens ao Magrebe e ao Brasil (Maranhão – Guiana). A viagem a Marraquexe, onde as competências médicas de Mocquet foram solicitadas, será igualmente evocada em algumas linhas, sendo o tratamento mais detalhado reservado, claro, à viagem a Goa<sup>15</sup>.

Dividida em dois pequenos itinerários, a primeira viagem transportou-o à região do cabo Branco e à feitoria portuguesa de Arguim, na costa da actual Mauritânia (Outubro de 1601 a Fevereiro de 1602) seguida, em Abril do mesmo ano, de uma viagem a Mazagão e Azamor (Abril de 1602 a Agosto de 1602)<sup>16</sup>.

A primeira região visitada foi, portanto, a “Barbaria”, a região do cabo Branco e da feitoria portuguesa de Arguim, na costa da actual Mauritânia. O nosso boticário embarcou a 9 de Outubro de 1601, em St. Malo, a bordo do *Sirène*, navio de baixa tonelagem com apenas 25 homens a bordo. A nau, carregada de

sal, rumava à costa africana. As primeiras semanas de navegação foram difíceis: a nau sofreu vários ataques de corsários que infestavam as águas do Mediterrâneo exterior mas conseguiu, mesmo assim, chegar a cabo Branco, em 8 de Novembro de 1601. O local era um refúgio de piratas e o navio de Mocquet sofreu novos ataques. A tripulação conseguiu, apesar de tudo, pescar nessas águas e regressar a mar alto com a sua carga<sup>17</sup>. No entanto, os espanhóis atacaram com cinco naus e tomaram de assalto o *Sirène*. Os ventos fortes desviaram da rota a embarcação (com os espanhóis a bordo), que foi forçada a atracar na ilha da Madeira, em 25 de Janeiro de 1602. Mal recebida, a tripulação francesa apenas pôde largar e continuar para norte a 9 de Fevereiro, após uma tentativa falhada de partida a 25 de Janeiro. Uma escala em Sanlúcar de Barrameda não teve melhor sorte. O navio foi inspeccionado. Conseguiu, todavia, chegar a Lisboa, onde o esperava outra má surpresa. Declarada imprópria para consumo pelas autoridades portuárias, a carga de peixe teve que ser atirada borda fora.

Apesar de todas estas desventuras, Mocquet não renunciou à sua viagem africana: não tardou a regressar ao mar. Em 25 de Abril, encontramos-lo a bordo da mesma nau, desta vez fretada para reabastecer com bolachas os portugueses prisioneiros nas masmorras marroquinas. Visita Mazagão e Azamor sem grandes dificuldades e dedica o seu tempo livre a recolher informações sobre as suas defesas. Depois de mais algumas peripécias, está de volta a Espanha a 26 de Maio e desembarca finalmente em St. Malo a 1 de Agosto de 1602.

Em 1604, empurrado, segundo o próprio, pelo demónio das viagens, junta-se à expedição de Daniel de la Touche, senhor de La Ravardière, à embocadura do Amazonas, ao Maranhão e à Guiana<sup>18</sup>. Partindo de Cancale, a 24 de Janeiro de 1604 (e não a 12 como se pretende), o seu navio, seguido de um patacho, fez escala na costa africana na latitude do rio do Ouro, numa ilha baptizada De la Touche, em homenagem ao capitão da expedição. Aí ficou atracado de 11 de Fevereiro a 10 de Março; a etapa seguinte foi a ilha Brava, no arquipélago de Cabo Verde, onde a tripulação fez aguada e repousou até 22 de Março.

A foz do Amazonas foi alcançada no dia de Páscoa, a 8 de Abril de 1604. Após a sua exploração bem como da costa da ilha de Maranhão (região de Belém – São Luís) até 15 de Abril de 1604, o navio

## EUROPEAN TRAVELLERS AND THE ASIAN NATURAL WORLD - I

subiu em direcção ao rio Caiena. O reconhecimento da costa e as trocas praticadas com os índios Tupinambá e Caribe ficaram concluídos apenas a 18 de Maio. Carregado com *petun* (tabaco), madeira de aloés, garças brancas, papagaios e macacos, o navio navega rumo à ilha de Santa Lúcia, que nunca chegou a alcançar, já que as correntes o desviaram até ao litoral da Venezuela. Passa o estreito entre Tobago e Trinidad e dá à costa de uma ilha do pequeno arquipélago de Los Testigos. A custo, a expedição chegou à ilha Margarida a 1 de Junho, rumando de seguida a Porto Rico e às Bermudas, evitando cuidadosamente serem avistados pelos navios espanhóis. É nesta altura da viagem que Mocquet situa o episódio da tentação da antropofagia entre os passageiros, não sem fazer notar que os três índios amontoados no porão, entre os quais o jovem Yapoco, que viria a ter mais tarde um destino pouco banal, seriam os primeiros a serem sacrificados. Apesar disso, o navio conseguiu alcançar os Açores e de lá partiu de novo para Cancale, onde ancorou a 15 de Agosto de 1604<sup>19</sup>. Foi no regresso desta viagem, num dado ponto não muito longe das Bermudas, que Mocquet situou o famoso episódio da “tentação” da antropofagia<sup>20</sup>.

Mocquet não permaneceu muito tempo em França. Atormentado desta vez pelo “desejo de conhecer o Oriente”, embarcou em Saint-Nazaire, a 12 de Abril de 1605, num navio de Pouliguen. O seu objectivo era embarcar em Lisboa num dos navios da “Carreira da Índia”. Mas, na cidade, corriam rumores de um ataque holandês e os portugueses controlavam cuidadosamente a entrada de estrangeiros no seu império. Esta contrariedade não o demoveu; fazendo prova de uma grande teimosia, decidiu regressar à “Barbaria” e embarcou em Cascais, a 3 de Agosto de 1605, no navio de um tal Poulet de la Rochelle.

O nosso boticário chega a Safi a 8 de Agosto e é imediatamente convocado pelo secretário do rei de Marraquexe, o sariano Mulay Abou Farès, que tinha sido informado da presença de um médico a bordo do navio francês. Graças aos seus cuidados e às suas drogas, o secretário, livre das lombrigas que o afligiam, propõe ao boticário seguir viagem com a caravana que conduzia e que se preparava para partir para Marraquexe. Mocquet junta-se à caravana a 28 de Agosto, atravessa o rio Tensift e chega a Marraquexe a 2 de Setembro de 1605. Permanece na cidade até 22 de Outubro<sup>21</sup>; volta em seguida para Safi com a intenção

de regressar a França o mais rapidamente possível. Mas as mudanças políticas locais impediram-no de concretizar o seu plano. Foi obrigado a esperar dois meses antes de poder embarcar a bordo de um navio holandês e larga finalmente a 24 de Janeiro de 1607. O navio sofre uma forte tempestade, ameaça naufragar várias vezes, dá à costa em Poulle (?) e apenas fundeia no Havre a 17 de Março. A 25, Mocquet está em Paris. Parte de seguida para Fontainebleau; podemos supor que evocou a sua intenção de partir rumo às Índias Orientais aquando da audiência que lhe foi concedida pelo rei.

## A VIAGEM A GOA

Os motivos que conduziram Mocquet ao “Estado da Índia” não são muito claros. Como escrevemos na introdução da *Voyage à Goa*, é provável que o nosso médico tenha sido encarregado de uma pequena missão de espionagem. O fosso entre protestantes e católicos não cessava de aumentar e os dois vastos impérios ibéricos, objectos de cobiça, tinham uma grande falta de boticários, artilheiros, bombardeiros e simples soldados. Deste modo, os mercenários não tinham grande dificuldade em serem recrutados e os espões abundavam. Tratava-se, com efeito, de uma forma das outras nações europeias se informarem sobre a organização e os meios efectivos destes imensos impérios, aos quais, sob o aparente poder, se adivinhavam as fraquezas<sup>22</sup>. Os portugueses, por seu turno, não ignoravam esta cobiça. Os estrangeiros, fossem franceses, holandeses ou ingleses, eram *à priori* suspeitos de heresia ou de espionagem, se não mesmo das duas. Um édito do rei de Espanha, mencionado por Pyrard de Laval, especificava aliás que os estrangeiros “vinham apenas para espionar e reconhecer a terra das Índias”<sup>23</sup>. Alguns anos antes, em 13 de Fevereiro de 1587, Filipe II escrevia, a propósito dos dois ingleses, John Newberry e Ralph Fitch, presos em Ormuz em 1583, postos a ferros e conduzidos, em seguida, para Goa, que era necessário puni-los severamente já que “era proibido aos estrangeiros entrarem na Ásia portuguesa” (“e pois esta defeso que não vão a essas partes estrangeiros”)<sup>24</sup>.

Provavelmente, foi confiada uma missão a Mocquet, cujas instruções lhe teriam sido comunicadas verbalmente aquando da visita que fez ao rei e à regente na véspera da sua partida. Ele já tinha recolhido

## OS VIAJANTES EUROPEUS E O MUNDO NATURAL ASIÁTICO - I

informações aquando da sua viagem anterior a Marraquexe, fornecendo as dimensões das defesas da praça portuguesa de Mazagão e testemunhando a penúria das guarnições portuguesas da prisão marroquina. A forma como foi recebido em Lisboa, os obstáculos que teve que ultrapassar para poder embarcar e as humilhações que teve que enfrentar depois ao longo de toda a sua viagem mostram até que ponto as autoridades portuguesas desconfiavam das suas intenções.

## O CONTEXTO DA VIAGEM

Quando, em Dezembro de 1607, Mocquet desembarcou no cais de Belém, Portugal era governado provisoriamente pelo bispo de Leiria, D. Pedro de Castilho (Maio de 1605 a Fevereiro de 1608), em nome do novo soberano, Filipe III (1598-1621). D. Pedro substituíra D. Afonso de Castelo Branco, bispo de Coimbra (Agosto de 1603 a Dezembro de 1604), o qual, por sua vez, tinha substituído o vice-rei D. Cristóvão de Moura (mais tarde marquês de Castelo Rodrigo), que se tinha demitido em Julho de 1603 no seguimento de um desentendimento com Madrid, mas que era considerado em Portugal, como aliás Mocquet refere, como “vice-rei”<sup>25</sup>.

As dificuldades da situação militar, política e comercial no Império português não eram ainda completamente visíveis na altura em que Mocquet chegou a Lisboa, mas os sinais percursos de uma nova época estavam já inscritos na trama dos acontecimentos<sup>26</sup>.

Na primeira década do século XVII, os holandeses, os ingleses e os franceses atacaram incessantemente as possessões portuguesas. Embora os franceses, instalados na baía de Guanabara, em 1555, não renunciassem aos seus esforços para estabelecer uma colónia francesa na ilha do Maranhão e os corsários ingleses atacassem aqui e ali os navios ibéricos, os inimigos mais irredutíveis de Portugal eram, contudo, os holandeses, que mostravam, pelo vigor dos seus ataques, o que seria a guerra entre as duas nações<sup>27</sup>.

A coroa ibérica fez uma manobra de diversão perante a violência do impacto. Numa iniciativa estratégica, que muitos consideraram ineficaz e outros realista, os portos foram novamente abertos aos holandeses em 1609, enquanto que a negociação simultânea de uma “trégua de 12 anos” com as

Províncias Unidas (1609-1621) era suposta fazer ganhar tempo aos ibéricos, deslocando o problema do terreno militar para o terreno político<sup>28</sup>.

Apesar das dificuldades do governo local para equilibrar as despesas militares e as receitas do “Estado da Índia”, a situação em Goa no início deste século ainda não era alarmante. Existia, evidentemente, o problema das incursões dos holandeses e o problema (que se previa) da incidência destes ataques no tráfego comercial<sup>29</sup>.

*Mocquet foi, no entanto,  
um espírito prático, curioso,  
com uma sólida experiência  
de cirurgião e de boticário,  
um especialista  
em purgas, sangrias,  
unguentos, autópsias  
e embalsamamentos.*

D. Cristóvão de Moura tinha afirmado, na sua carta endereçada ao rei, em Valladolid, que a defesa do “Estado da Índia” reclamava “dinheiro, homens e navios”<sup>30</sup>. Apesar da dificuldade em reunir os fundos e os homens necessários (o problema demográfico era um obstáculo real), o governo de Lisboa fez um esforço considerável para enviar para a Índia um determinado número de navios. Em 1604, o novo vice-rei, D. Martim Afonso de Castro, tinha deixado Lisboa com cinco carracas e alguns galeões. Em 1605, dez outras grandes embarcações, sob o comando de Brás Teles de Menezes e Álvaro de Carvalho, foram enviadas para Goa. Em 1606, a armada aparelhada não conseguiu partir devido ao bloqueio holandês. O esforço foi renovado em 1607: sete naus deixaram então o porto de Lisboa em direcção às Índias. A iniciativa mais marcante foi realizada em 1608, no momento em que Mocquet chegava a Lisboa. A armada que se preparava para levantar âncora, e na qual este embarcou, era uma das mais imponentes jamais reunidas: 13 navios, dos quais cinco carracas e cinco galeões, um carracão e duas urcas. Mocquet menciona 14 naus, mas pode ter acrescentado à sua

## EUROPEAN TRAVELLERS AND THE ASIAN NATURAL WORLD - I

lista uma outra embarcação, provavelmente a que abastecia a esquadra<sup>31</sup>.

O comando da armada foi confiado ao novo vice-rei, D. João Forjaz Pereira, 5.º conde da Feira, que sucedeu ao arcebispo de Goa, D. Frei Aleixo de Menezes. Felizmente para Mocquet, Pedro César, um dos dois fidalgos portugueses que encontrou em Marrocos durante a sua terceira viagem e que tinha sido resgatado pelo senhor Arnoult de Lisle, agente de Henrique IV junto do rei de Marraquexe, era irmão de Baptista Fernão César, o provedor da Casa da Índia, por sua vez cunhado do novo vice-rei. Foi graças a este fidalgo que Mocquet conseguiu vencer a desconfiança e a má vontade dos funcionários e obter (não sem esforço, todavia) a autorização de embarque tão desejada. Fez melhor: conversou com o vice-rei sobre botânica, conseguiu impressioná-lo e acabou por ser contratado como boticário para o seu serviço.

Subiu, então, a bordo do navio-almirante, o *Nossa Senhora do Monte Carmel* (*Nossa Senhora do Monte do Carmo* nas listas da “Carreira da Índia”), uma carraca de dois mil toneladas, uma das jóias dos estaleiros navais portugueses da época. O número de passageiros embarcados (900) e o peso destes enormes navios, difíceis de manobrar, não auguravam nada de bom para a viagem. Entre 1600 e 1609, a análise por década da “Carreira da Índia” registava ainda, entre 68 a 85 partidas de navios, número honroso se pensarmos nas 34 partidas entre 1651 e 1655 (18, de acordo com outras fontes). As 85 partidas registadas entre 1600 e 1609 saldaram-se por 25 regressos forçados e 12 naufrágios: apenas 48 navios chegaram a Goa<sup>32</sup>. Mocquet menciona, aliás, no seu relato, e uma vez mais com exactidão, o fim dos navios da armada em 1608.

A armada do conde da Feira deixou o rio de Lisboa a 29 de Março de 1608, na véspera da Páscoa, mesmo no limite do período favorável para aproveitar a grande monção do oceano Índico. O registo (“assento”) dos pilotos, datado de 28 de Março de 1608, chegou até aos nossos dias: o mesmo aconteceu em relação ao Livro dos regulamentos (“regimento”) de D. João Forjaz Pereira e outras disposições de carácter político ou militar<sup>33</sup>. Um documento de 26 de Março, dirigido ao vice-rei, recomendava-lhe que protegesse as três jovens órfãs de boas famílias, Custódia da Costa, D. Margarida da Fonseca e Jerónima de Torres, que, de acordo com uma prática que remontava ao século XVI, partiam para casarem no Oriente<sup>34</sup>.

## A VIAGEM

Mocquet conta que, durante algumas semanas, a viagem foi feita numa desordem e confusão indescritíveis até à ilha da Madeira – “as gentes vomitavam aqui e ali e faziam as suas imundícies uns sobre os outros” –, mas os piores momentos da viagem ainda não tinham chegado. Com efeito, a verdadeira descida aos infernos começou um pouco mais a sul, no momento em que a armada entrou na zona das calmarias e bonanças equatoriais, os *doldrums*.

Para os passageiros e tripulações presos nas calmarias equatoriais, a água tornava-se o bem mais precioso. A luta pela sobrevivência fazia com que se voltassem uns contra os outros: os recantos sombrios do navio eram o cenário de estranhos *ballets*, lutava-se na obscuridade, sem reconhecer parentes ou amigos, por uma única e irrisória medida de água. Os doentes que tinham sido sangrados eram as primeiras vítimas. Ao mexer os braços, reabriam as veias, o sangue escorria e eram atacados por “delírios e febres altas”. O seu quartilho de água desaparecia então, levado pelos ladrões.

Flagelos bíblicos, chuvas que traziam a podridão e, sobretudo, o escorbuto (“mal de Luanda”)<sup>35</sup> e o beribéri, dizimavam os passageiros e as tripulações sem distinguir riqueza ou classe social. O próprio Mocquet adoeceu, mas conseguiu sobreviver, tratando-se a si próprio. As suas gengivas deitavam um sangue negro e pútrido e os seus joelhos, coxas e pernas encolhidas e enegrecidas impediam-no de se deslocar. Cortava-se todos os dias para fazer “sair esse mau sangue negro e putrefacto”<sup>36</sup>; apoiado na amurada, cortava diariamente os pedaços de carne lívida e gangrenada das suas gengivas com a ajuda de um pequeno espelho e lavava a boca e os dentes com a sua urina. Apenas um medicamento à base de vinho tinto e xarope de violetas<sup>37</sup> parecia fazer algum efeito. Mas muitos morriam atrás das suas arcas, “os olhos e as plantas dos pés comidos pelos ratos”<sup>38</sup>. O vice-rei morreu após seis dias de sofrimento; apesar de não ser o único médico a bordo (existia também um cirurgião, “judeu convertido”, de quem dirá o pior possível)<sup>39</sup>, Mocquet foi o responsável pelo embalsamamento do ilustre personagem, tarefa que executou o melhor possível, sem todavia nos fornecer pormenores sobre a sua técnica ou as substâncias utilizadas. “O calor fazia-nos derreter como manteiga ao sol”, escreve com uma ponta de ironia insólita, e “o vice-rei estava bem

## OS VIAJANTES EUROPEUS E O MUNDO NATURAL ASIÁTICO - I

gorduroso” algures nas entranhas do navio, com um calor que o fedor devia tornar ainda mais sufocante.

O desaparecimento do vice-rei (cujo corpo foi reenviado para Lisboa numa urca com cerca de 50 doentes e ainda uma passageira clandestina que tinha dado à luz no navio)<sup>40</sup> exacerbou as diferenças entre os pilotos da armada. A bem dizer, esta acabou por se dispersar, quer devido à ausência de comando e aos conflitos pessoais, quer devido ao violento temporal que se abateu à chegada ao cabo da Boa Esperança (na realidade, na proximidade do cabo das Agulhas, a 34° 50' de latitude sul, o verdadeiro limite austral de África). Não chegando a consenso, cada um seguiu sozinho a sua rota com a sua carga de moribundos e doentes.

A proximidade do cabo foi anunciada por bandos de alcatrazes e de mangas-de-veludo, pequenos pássaros parecidos com estorninhos. O alívio sentido pelos passageiros foi, no entanto, de curta duração. Os ventos começaram a soprar com uma violência crescente, as vagas varriam o convés e passavam por cima da popa; foi necessário navegar apenas com uma das duas velas baixas (papa-figo da mezena). Apesar do esgotamento, os passageiros, e entre estes Mocquet, aguentaram brincar. Como sempre nestas circunstâncias, entregaram-se a Deus fazendo uma procissão a bordo, na esperança de acalmar os elementos em fúria.

As forças da Natureza não eram as únicas a poder engolir as frágeis embarcações. Verdadeiros monstros míticos, os grandes mamíferos marinhos assombravam o imaginário dos viajantes e alimentavam o terror diário. É nas paragens do cabo, para sempre votado ao maravilhoso depois dos versos do Canto V dos *Lusíadas* de Camões, que o navio vice-almirante da armada, afastado do navio de Mocquet pela fúria da tempestade, tem o estranho encontro com uma baleia, a qual, passando ao longo do navio, emite um som horrível, gelando de medo toda a tripulação e os passageiros.<sup>41</sup>

A frota conseguiu, apesar de tudo, livrar-se da tempestade e ruma a norte, subindo ao longo da costa de Moçambique “por dentro”, isto é, entrando no canal de Moçambique em vez de seguir a rota “por fora”, a leste das ilhas de São Lourenço (hoje Madagáscar) e Mascarenhas (hoje Reunião e Maurícia), descobertas por Pero de Mascarenhas em 1512<sup>42</sup>. A armada consegue, todavia, evitar os recifes e vem arribar a Angoche, algumas centenas de quilómetros a sul da

ilha de Moçambique. Estávamos a meio de Setembro de 1608, no momento em que as feridas do ataque holandês continuavam ainda abertas<sup>43</sup>.

É fácil imaginar o local, tal como este se apresentou a Mocquet: um local sujo, quente e poeirento, devastado pela guerra, cerca de 200 casebres com tectos de palmeira, anichados à volta da fortaleza. A fome matava: os passageiros doentes e moribundos foram desembarcados e morriam ao ritmo de 10 a 15 por dia, uns na fortaleza, outros sob os beirais das palhotas indígenas, de acordo com a sua classe social. Durante este tempo, Mocquet, bastante enfraquecido pelo “mal de Luanda” mas vivo, tratava-se com as suas drogas e percorria as ruelas poeirentas da povoação em busca de um pouco de alimento.

A armada do conde da Feira estava atrasada: devido ao regime das monções, os navios que chegavam a Moçambique a meio de Setembro não podiam atravessar o oceano Índico e chegar às Índias. Era preciso então hibernar durante seis longos meses antes de poder aparelhar, finalmente, no mês de Março. Durante este longo período, as tripulações erravam ociosas, os passageiros tentavam acalmar as saudades e os funcionários negociavam com toda a gente. A inactividade (ou a actividade) de uns e de outros acabou por provocar problemas a Mocquet. Sabendo que este já não gozava de protecção após a morte do conde da Feira, as autoridades portuguesas prendem-no juntamente com outro estrangeiro, o secretário genovês do falecido vice-rei. Foram acusados de espionagem, crime grave que se traduzia geralmente por uma sentença de morte em Portugal (Pyrard de Laval também foi ameaçado, mas conseguiu escapar). O genovês foi acusado de ter na sua posse “papéis e memorandos contra o Estado das Índias” e Mocquet de ter desenhado uma rota marítima, mas não foi possível reter qualquer acusação contra si. A sua mala foi revistada (sabemos que continha roupas, livros, dinheiro e drogas e mesmo “singularidades”, como o pacote de plumas de avestruz que tinha trazido de Marrocos e que foi obrigado a vender em Goa para sobreviver) e, sobretudo, interrogaram-no sobre os seus conhecimentos médicos, na esperança de, visivelmente, desmascarar o espião na pele de médico<sup>44</sup>.

Apesar da sua violenta exasperação contra os portugueses, que tratava pejorativamente por “judeus”, Mocquet foi libertado após 22 dias de prisão e nem sequer foi privado do seu soldo. O tempo que lhe restava

## EUROPEAN TRAVELLERS AND THE ASIAN NATURAL WORLD - I



Jan Huygen van Linschoten, "Representação de Goa, a principal cidade mercantil e metrópole do reino, onde residem o arcebispo, o vice-rei e o conselho supremo da Índia Portuguesa", in Arie Pos e Rui Manuel Loureiro (eds.), *Itinerário, Viagem ou Navegação de Jan Huygen van Linschoten para as Índias Orientais ou Portuguesas*, Lisboa: CNCDP, 1977.

antes da partida foi dedicado à sua actividade favorita, herborizar, a qual praticou com a ajuda dos negros da povoação. Oferece-nos, deste modo, informações sobre o *pau-d'antac*<sup>45</sup>, utilizado no tratamento de doenças venéreas, sobre a pedra *benzoar*<sup>46</sup> e sobre a rectite epidémica gangrenosa, para a qual receitava um tratamento – lavagens e sumo de limão – tratamento este retomado com mais detalhes nas *Voyages de Dellon*<sup>47</sup>. Registou, igualmente, as suas observações sobre o modo de vida destas populações pobres, mas mais tarde sentiu-se na obrigação de animar o texto com algumas histórias sobre os negros antropófagos, perversos e bebedores de sangue quente.

Tal como tinha feito no Brasil, estas excursões constituíram também a oportunidade de aprender algumas palavras na língua local, da qual transcreveu algumas expressões no seu relato, de acordo com o modelo de pequeno léxico apresentado na sua viagem

ao Maranhão. Mantém-se afastado da comunidade portuguesa (mas fica hospedado durante algum tempo na corte de um rico funcionário, Francisco Mendes, o "juis dos orfãos" da fortaleza) e evita cuidadosamente conviver com a soldadesca, à qual critica violentamente a grosseria e os hábitos sexuais.

A frota estava pronta a aparelhar a meio de Março de 1609. Os porões tinham sido carregados com bretangis (telas de algodão de cor azul-escura), missangas, ouro, dentes de elefante e âmbar-cinzento<sup>48</sup>. Os navios que se agitavam lentamente ao abandonar as águas do porto da ilha de Moçambique, a 20 de Março de 1609, deixavam para trás algumas centenas de mortos no pequeno cemitério da fortaleza. A armada tinha ficado reduzida a quatro embarcações: o navio-almirante, a carraca *Nossa Senhora do Monte do Carmo* e três galeões, *São Jerónimo*, *Santo António* e *São Bartolomeu*. O *Bom Jesus* tinha-se perdido no início da viagem e veio fundear em

## OS VIAJANTES EUROPEUS E O MUNDO NATURAL ASIÁTICO - I

Moçambique, onde foi abordado pelos holandeses de De Verhoeven. O *Santo Espírito*, provavelmente mal calafetado ou demasiado carregado, metia água e teve que arribar a Pernambuco, na costa norte do Brasil (hoje Recife). Acabou por naufragar nas paragens do cabo da Boa Esperança, em circunstâncias dignas da *História Trágico-Marítima*, que Mocquet, no seu estilo habitual, relata com muita justeza e sobriedade.

Das cinco carracas mencionadas por Mocquet, três naufragaram posteriormente: a *Nossa Senhora da Ajuda* naufragou perto da costa ocidental africana, junto da feitoria da Mina (Gana), a *Palma* encalhou num recife ao largo de Moçambique e a *Salvação* perdeu-se perto de Mombaça. As duas outras não tiveram um destino melhor. A *Nossa Senhora da Oliveira* foi incendiada perto de Goa, a fim de evitar que fosse tomada pelos holandeses; a *Nossa Senhora do Monte do Carmo* foi rebocada para terra e posta fora de serviço depois de uma batalha no Atlântico Sul, perto da ilha de Santa Helena<sup>49</sup>.

A travessia do oceano Índico decorreu sem incidentes e apenas foi animada pelo encontro com um navio mercante muçulmano que vinha de Diu, no Guzerate, e que transportava peregrinos para Meca. Apesar do seu laconismo habitual, Mocquet fornece informações interessantes sobre a organização e a vida a bordo neste tipo de embarcação, que conhecemos mal, apesar da frequência de tais encontros – na verdade, acabavam, por vezes, de forma trágica<sup>50</sup>.

## GOA

Se ficou aliviado por pisar finalmente a terra vermelha de Goa, em 27 de Maio de 1609, Mocquet depressa se desencantou. O seu sonho tinha acabado de se concretizar, mas, disperso no meio dos sobreviventes da terrível viagem, perdido entre os carregadores e os escravos que descarregavam os fardos das mercadorias, encontrava-se sozinho, enfraquecido e sem meios de subsistência depois dos seus dissabores em Moçambique. Não tinha mais nenhuma relação entre os “fidalgos” e não conhecia pessoas influentes em Goa.

O seu primeiro alojamento foi o alpendre da casa de um hindu, um humilde canarim. O desprezo que revela diante dos homens de armas (esta “canalha”, como diz<sup>51</sup>) não deve fazer esquecer que a sua salvação acabou por vir dos soldados, seus antigos companheiros de viagem, alguns tratados por ele<sup>52</sup>.

Mocquet chegou a Goa pouco antes da monção, no final do Verão. Durante o longo período de Inverno – três ou quatro meses – as chuvas impediam qualquer navegação, e os soldados, bem como as tripulações, deambulavam ociosos em todos os portos da Índia. As brigas surgiam. Era perigoso passear nas ruas de Goa depois do anoitecer e dar de caras com esta soldadesca. O retrato sombrio pintado por Mocquet era infelizmente autêntico: os soldados eram pagos pela coroa apenas até à chegada a Goa. Uma vez na Índia, podiam escolher por se alistar numa campanha militar ou permanecer em terra. A sobrevivência era então difícil. Os “fidalgos” e as autoridades eclesiásticas ou civis “davam mesa” e alimentavam alguns destes soldados, enquanto os outros deambulavam pelas ruas de Goa, roubando e, por vezes, matando os seus habitantes<sup>53</sup>.

Apesar da sua má reputação, estes mesmos soldados emprestaram a Mocquet as moedas necessárias à sua sobrevivência, e um “anel de ouro e uma qualquer outra pequena coisa de prata” deixados como penhor proporcionaram-lhe os meios necessários para melhorar o seu dia-a-dia, alojando-se em casa de um casal, de nível social pouco elevado, mas representativo da população de Goa: a mulher era chinesa e o marido, António Fernandes, era um cirurgião indiano cristão, provavelmente um mestiço “casado”. Como em Marraquexe, Mocquet servia-se visivelmente, nas suas viagens, das suas relações no meio fechado, mas cosmopolita, dos cirurgiões e boticários. Este casal habitava na Rua do Crucifixo, uma pequena rua que se encontrava efectivamente a dois passos da rua principal da cidade, a Rua Direita, não longe da Misericórdia e da igreja de São Francisco<sup>54</sup> (encontrando-se uma vez à porta deste alojamento, Mocquet afirma ter assistido a uma rixa entre dois grupos de soldados, “uns vindo do lado da Misericórdia e outros do lado dos Franciscanos”). Ora esta pequena rua era perpendicular à Rua dos Namorados, onde parece que viveu, de 1541 até à sua morte, em 1568, o grande médico e naturalista cristão-novo Garcia da Orta<sup>55</sup>.

Enquanto habitou na Rua do Crucifixo, a venda das plumas de avestruz que tinha comprado em Marrocos assegurou a sua subsistência durante dois meses; pôde, assim, observar tranquilamente a vida da cidade, conhecer os seus habitantes e ser testemunha de importantes mudanças.

De acordo com a tradição, em caso de morte do vice-rei no mar alto devia proceder-se à quebra

## EUROPEAN TRAVELLERS AND THE ASIAN NATURAL WORLD - I

do laço do documento com as instruções secretas da coroa e o nome do seu sucessor revelado. Esta operação, mencionada por Mocquet, realizou-se, com efeito, em 27 de Maio de 1609. A escolha real tinha caído sobre André Furtado de Mendonça, um dos mais notáveis capitães e homens de armas de que Portugal se podia orgulhar na época. Filipe III depositou nele uma grande confiança. Entre as instruções que tinham sido confiadas ao conde da Feira figurava igualmente a sua nomeação como capitão-mor dos mares do Sul, com um salário de 6000 cruzados a pagar através dos rendimentos da alfândega de Malaca. André Furtado de Mendonça tinha vencido o célebre pirata Mappillah do Malabar, Muhammad Kunjali Marakkar, da poderosa dinastia dos corsários Maratas, que, tendo renunciado à tradicional pirataria costeira, tinha alargado o seu domínio marítimo desde o cabo da Boa Esperança até ao mar da China. O grande capitão tinha conseguido vencer este corsário com a ajuda do samorim de Calecute, que receava a vizinhança do seu refúgio, à entrada de Kotte, a jusante do rio Pudepatão. Cercado durante quatro meses pelos portugueses no mar e pelos naires em terra, o Kunjali, a quem tinham prometido salvar a vida, acabou por se render em Julho de 1599, com os seus ajudantes de campo, os seus servidores e as suas mulheres. A sua cidadela foi saqueada e Kunjali foi levado para Goa, em Março de 1600, tendo sido decapitado na praça principal de Goa, os seus membros exibidos nas praias de Bardez e de Pangim e a sua cabeça exposta pelos portugueses no forte de Cananor<sup>56</sup>.

André Furtado de Mendonça contava com outros grandes feitos no seu currículo. De 1601 a 1603, a “Armada do Sul”, que comandava, obteve êxito em várias campanhas, dificultando seriamente a actividade dos holandeses nos mares da Insulíndia. O forte holandês de Ambom, “que tinha à entrada as armas do príncipe Maurice de Nassau” foi arrasado. Depois de ter pirateado as águas ao sul da ilha de Ceram, atacou Haruku e Saparua e, por fim, Ternate. As derrotas alternavam com as vitórias. Furtado de Mendonça conseguiu mesmo assim aguentar o cerco holandês, liderando durante quatro meses a resistência ao cerco de Malaca com 200 soldados, portugueses e japoneses, contra os 11 navios e as forças de Cornelius Matelief de Jong (1400 homens) e as do seu aliado, o sultão de Johore, *raj* Bongoen (50 navios e 3000 homens – os números de Mocquet são ligeiramente diferentes). A população indígena pagou caro os quatro meses de cerco: 6000 pessoas morreram no interior da fortaleza e

apenas a grande batalha de Malaca, em 18 de Agosto de 1606, entre a esquadra holandesa e as forças do vice-rei das Índias, D. Martim Afonso de Castro (16 navios e pouco mais de 2000 homens) permitiu romper o cerco e afastar por algum tempo a ameaça holandesa<sup>57</sup>.

Confiante na sua boa estrela junto dos vice-reis, Mocquet apressou-se a ir cumprimentar André Furtado de Mendonça. A visita que faz à igreja dos Três Reis Magos, na margem do Mandovi, não dá grandes resultados. A situação do novo vice-rei, já doente, vítima de invejas e desanimado devido aos vários conflitos com a administração real (tentava em vão obter de Lisboa o reembolso das dívidas contraídas entre 1601 e 1606, período em que exerceu as suas funções em Malaca)<sup>58</sup>, não lhe deixavam muito tempo para se interessar pelos infortúnios de um estrangeiro desconhecido, mesmo que este tenha estado ao serviço do falecido vice-rei. Foi evasivo e Mocquet regressa às ruas de Goa.

Felizmente, a situação resolveu-se alguns meses mais tarde e mais rápido do que Mocquet poderia esperar. Em 1 de Setembro de 1609 aportou à barra de Goa um navio de grande porte que se receava que fosse holandês. Tratava-se, na realidade, do novo vice-rei, Rui Lourenço de Távora, que, nomeado no emaranhado e na confusão das decisões de Madrid, acabava de chegar às Índias<sup>59</sup>.

André Furtado, cuja saúde piorava (o rumor público sustentava que tinha sido envenenado), começou a preparar o seu regresso a Portugal. Lembrou-se então do boticário francês que tinha vindo para as Índias com o conde da Feira. Convocado à sua presença, Mocquet não teve dificuldades em ingressar ao seu serviço: além das suas qualidades militares e da sua integridade moral, o vice-rei era unanimemente louvado pela sua generosidade e grande liberalidade.

Mocquet parte de novo a herborizar no final de Novembro de 1609, desta vez em terra indiana e com um bom pretexto, o de procurar plantas raras para o tratamento do vice-rei<sup>60</sup>. Alcança as terras de Adil-Khan, acompanhado de alguns marinheiros e de um naire, e volta da sua excursão em Dezembro de 1609.

Goa, que compara a Tours num dos seus exercícios de imaginação (Damasco, por seu lado, é comparada a Orleães), ocupa as semanas antes da sua partida. Era ainda uma grande cidade (75 000 habitantes, dos quais um milhão de portugueses), dinâmica e opulenta, cuja prosperidade repousava em grande parte no comércio interasiático, animado pelos comerciantes “casados” e hindus de diferentes origens, os brâmanes *saraswat*

## OS VIAJANTES EUROPEUS E O MUNDO NATURAL ASIÁTICO - I

de Goa ou os *vania* guzerates. Mantinha relações continuadas com os mongóis (Jahangir, o sucessor de Akbar, enviou uma embaixada a Goa em 1607-1608), ainda não tinha sofrido o bloqueio dos holandeses (entre 1637 e 1664, uma esquadra holandesa veio todos os invernos navegar em frente à barra do rio Mandovi) e tinha sobrevivido às várias epidemias, as quais iriam precipitar o seu declínio nos finais do século XVII.

Mocquet reencontrou provavelmente em Goa o capitão Pedro Fernandes de Queirós, que o fez visualizar a imagem de um fabuloso continente ainda virgem: “... navegou algumas costas, e disse maravilhas deste país, em beleza e bondade; de forma que mais parece qualquer coisa do Paraíso terrestre: mas é necessário esperar uma descoberta mais ampla e exacta: os geógrafos e os pilotos portugueses dizem que todas estas terras austrais são maiores do que toda a Europa e parte da Ásia. Este capitão, Pedro Fernandes, encontrou as baías de S. Filipe e de S. João e o porto de Vera Cruz, que diz ser muito bom e capaz de conter mais de mil embarcações, a 155 graus e meio de latitude.”<sup>61</sup>

Avesso a conquistas femininas, que eram, contudo, excessivamente fáceis em Goa, visita um gentil-homem português e um religioso francês que tinha conhecido, um jesuíta chamado Etienne de la Croix (que não era de Tours, mas sim de Rouen). Muito lacónico sobre Pyrard de Laval, que todavia destaca do grupo dos três franceses que encontrou, é visivelmente mais prolixo sobre os infortúnios de um francês que se dizia chamar Monfart e que tinha estado de passagem por Goa alguns meses antes dele; este gentil-homem tinha sido, na verdade, posto a ferros em Goa “por medo de que ele espiasse as fortalezas do país” e enviado, em seguida, para Portugal onde “apodreceu” longo tempo na prisão; a sua história não podia deixar de trazer más recordações a Mocquet, levando-o a ser prudente<sup>62</sup>.

Quanto ao resto, declara estar sobretudo contente por deixar “estas gentes más e viciosas, onde apenas passei e passaria pobreza e miséria”. A Goa apostólica portuguesa não o havia impressionado por aí além, a não ser negativamente. A ostentação, o requinte e a indolência da vida pública chocaram-no profundamente.



## EUROPEAN TRAVELLERS AND THE ASIAN NATURAL WORLD - I

Os “bons selvagens” hindus, como os “bons selvagens” ameríndios da sua viagem ao Maranhão, pareciam-lhe mais dignos de respeito do que os arrogantes fidalgos portugueses. Atitude ideológica, claro, que deve ser interpretada à luz da propaganda reformista contra Portugal e Espanha, países profundamente católicos. É por este motivo que opõe permanentemente esses “pobres idólatras explorados”, gentis, meigos e honestos, aos portugueses ímpios, salteadores e cruéis. A descrição harmoniosa (e muito idealizada) da sua estada com os hindus contrasta violentamente com o quadro, que não podia ser mais sombrio, dos costumes e do comportamento dos Lusitanos<sup>63</sup>.

Esta descrição exagerada assenta, em parte, como já foi visto, em informações fornecidas por outros textos e por pessoas de passagem. A história do flamengo que, tendo emprestado um chapéu a um castelhano e querendo-o recuperar, ouviu como resposta que teria que seguir o espanhol até à guerra da Flandres, constitui um dos exemplos dessas histórias que circulavam entre a soldadesca. No entanto, as raízes da sua aversão são

tanto políticas como religiosas e culturais. Existe, antes de mais, uma forte rivalidade misturada com inveja, que se constata igualmente nos viajantes estrangeiros que o precederam: declara sem pestanejar que “a fertilidade da França é tal que ela fornece abundantemente Espanha, Portugal, Itália e Barbaria, não só com trigo, mas com muitas outras mercadorias; [...] e crê que os espanhóis e os portugueses não poderiam abastecer um número tão grande de viagens para as Índias se não tivessem a ajuda dos cereais que trazem de França para fazer os seus biscoitos, além das velas, dos cordames, das carnes salgadas e outras coisas necessárias para abastecer as suas embarcações.”<sup>64</sup> Esta rivalidade leva-o por vezes a conclusões curiosas: o fim trágico dos missionários franciscanos em Nagasáqui, crucificados e expulsos em Fevereiro de 1597 pelo *kanpaku* Toyotomi Hideyoshi (1536-1598) e a posterior perseguição dos convertidos e dos religiosos pelos xóguns Tokugawa, identificados com o processo de centralização do poder político no Japão, são atribuídos por Mocquet ao laxismo dos portugueses que cobiçavam, na sua opinião, as mulheres japonesas...

Finalmente, não se deve esquecer que Mocquet é originário de um país (e de uma Europa) onde, estando todos ocupados com as suas divergências internas, ignoravam ainda esta outra dimensão do horror, da escravidão em massa e, sobretudo, a cruel realidade de uma sociedade assente em tais valores. Mocquet não gosta (ou não tem o hábito) da escravidão e ignora ainda o seu poder de corrupção. Ao denunciar a crueldade dos portugueses para com os seus escravos, a sua preguiça ou a sua petulância, guarda as suas distâncias em relação a uma realidade colonial que ainda lhe é “estranha”, mas que o seu país abraçará algumas décadas mais tarde.

A carraca de André Furtado de Mendonça larga da barra de Goa num sábado, a 2 de Janeiro de 1610, de madrugada, impelida por um pequeno vento de norte (de acordo com Pyrdard, teria sido a 26 de Dezembro, mas está errado), cercada por manchuas, essas pequenas embarcações de recreio onde os goeses iam refrescar-se nos rios, rodeados de escravos e de músicos: quiseram, deste modo, homenagear um homem que deixava atrás de si uma aura quase lendária de justiça e integridade.

Jan Huygen van Linschoten, “Representação fiel da feira de Goa, com as suas lojas, mercadorias e comerciantes quotidianos”, in Arie Pos e Rui Manuel Loureiro (eds.), *Itinerário, Viagem ou Navegação de Jan Huygen van Linschoten para as Índias Orientais ou Portuguesas*, Lisboa: CNCDR, 1977.



## OS VIAJANTES EUROPEUS E O MUNDO NATURAL ASIÁTICO - I

Acompanhando o governador doente, Mocquet embarca a bordo da *Nossa Senhora da Penha de França*, uma das duas únicas embarcações que largaram de Goa em 1610. Com eles, viajavam 200 pessoas da casa do antigo capitão de Malaca (entre os quais o seu secretário chinês, Álvaro Pais, que conversou durante a viagem com Mocquet sobre os costumes asiáticos e lhe conta uma boa parte das histórias que este refere no seu relato), capitães e funcionários que regressavam a Portugal para reclamar a recompensa pelos seus serviços, e quatro ingleses, entre os quais um piloto, que não tiveram a sorte do boticário, uma vez que os puseram a ferros mal subiram à ponte. O grupo dos franceses (de que fazia parte Pyard de Laval) também tentou embarcar, mas como estava inscrito nos seus passaportes o nome de outro navio, foram obrigados a ficar em terra até ao final do mês de Janeiro.

Apesar de transportar uma carga de canela “até ao meio do mastro”, o navio não encontrou dificuldades de maior durante a grande travessia do oceano Índico; podemos considerar que tiveram sorte, dado que já tinha sido ultrapassado o período mais favorável para a partida (a primeira metade de Dezembro).

O diário de bordo mantido pelo sota-piloto Sebastião Prestes, de que dispomos, informa-nos sobre o desenrolar da viagem e fornece-nos elementos de comparação com o relato de Mocquet.

Sabemos, deste modo, que a situação se alterou próximo da costa da Somália. André Furtado de Mendonça tinha escolhido a rota “por dentro”, contra o parecer dos seus oficiais, e o navio não tardou a ter que enfrentar a sua primeira tempestade. Fustigados pelas vagas, os escovéns abriram e a água inundou a ponte. Foi então necessário aliviar o peso do navio, deitando à água uma parte da preciosa carga: 300 quintais de canela e incontáveis caixas e fardos de mercadorias que se amontoavam no convés, até às mesas de guarnição e o castelo da popa. Pior ainda, tombaram colunas de água na pimenta que restava e sobre as 200 pipas de água doce (cerca de mil litros): a água potável ficou completamente salgada e apimentada.

O trabalho extenuante de 300 escravos negros e de alguns marinheiros, que trabalhavam afincadamente nas bombas desconjuntadas, conseguiu colocar o navio de novo a flutuar depois de três dias e três noites de angústia. As operações foram dirigidas por André Furtado de Mendonça, que, apesar da sua extrema fraqueza, se manteve na ponte.

Em 12 de Fevereiro, o astrolábio foi confiado ao piloto inglês, que, segundo o diário de bordo, não soube medir tão bem o Sol como todos os outros da nau: “demos a hu piloto engres hu astrolabio pera tomar o sol por mandado do governador e tomou menos sol que todos os da nao”<sup>65</sup>; em 15 de Fevereiro, os gajeiros da *Nossa Senhora da Penha de França* avistaram por entre o nevoeiro a ilha de São Lourenço (Madagáscar). O cabo da Boa Esperança, do qual Mocquet tinha tão más recordações, foi transposto sem grandes problemas e com bom tempo a 16 de Março.

*Ao denunciar a crueldade dos portugueses para com os seus escravos, a sua preguiça ou a sua petulância, guarda as suas distâncias em relação a uma realidade colonial que ainda lhe é “estranha”, mas que o seu país abraçará algumas décadas mais tarde.*

Infelizmente, o estado de saúde de André Furtado de Mendonça continuava a agravar-se. A 27 de Março, o sota-piloto Sebastião Prestes regista: “Pelo g[overnad]or que vai mal primita D[eu]s darlhe saude... e levarnos cedo a Lixboa. Boa viagem nos dê D[eu]s”<sup>66</sup>.

Estávamos então na latitude da ilha de Santa Helena e, na melhor das hipóteses, seria necessário aguentar ainda quatro longos meses no mar antes de chegar a bom porto. O esgotamento era ainda maior pelo facto de o regresso estar a ser realizado nas condições mais difíceis: a viagem era classificada de “rota-batida”, ou seja, sem escala em Moçambique, prática que se tornou habitual no século XVII devido aos ataques dos holandeses<sup>67</sup>.

Num ambiente explosivo, devido às vicissitudes da viagem surgiram então conflitos entre os passageiros exasperados, o primeiro piloto Manuel Leitão e o contramestre: era necessário arribar à ilha para fazer aguada e desembarcar os doentes. À hora da morte, o

## EUROPEAN TRAVELLERS AND THE ASIAN NATURAL WORLD - I

governador ainda teve forças para os enfrentar: recusou fundear em Santa Helena, com medo dos holandeses, mandou fazer o inventário da água potável disponível e deu ordem para continuar viagem. Trataram-se, na verdade, das últimas ordens que pôde dar após uma vida plena de tumultos e marcada por tantos actos de coragem, sendo que, a 30 de Março, já agonizava, como o refere o diário de bordo do piloto.

Morreu a 1 de Abril, quinta-feira, às nove horas e trinta minutos da manhã, após uma purga que lhe foi administrada<sup>68</sup>. O seu confessor, o padre Manuel do Monte Olivete, ministrou-lhe os últimos sacramentos e testemunhou o seu apego, nos últimos momentos, a uma imagem pintada de Nossa Senhora, que venerava particularmente, persuadido que a intervenção da Mãe de Deus lhe tinha dado a vitória durante o cerco de Malaca<sup>69</sup>.

Mocquet não entra em detalhes sobre a doença do governador, mas o piloto ficou suficientemente impressionado pela autópsia que este efectuou para registar informações sobre este assunto numa das páginas do seu diário de bordo: André Furtado de Mendonça morreu de disenteria; o coração negro, os intestinos inchados e o fígado endurecido reforçaram na mente da tripulação e dos passageiros a suspeita de envenenamento<sup>70</sup>.

Designado de novo para o embalsamamento, Mocquet pôs-se ao trabalho, ajudado desta vez por um barbeiro, que, como era costume nos navios da “Carreira da Índia” e um pouco por todo o lado no Império, desempenhavam frequentemente a bordo o papel de verdadeiros médicos.

Com uma grande quantidade de cânfora e de benjoim e com a ajuda de drogas e de ligaduras que se encontravam a bordo, o corpo do governador foi finalmente preparado, colocado num caixão hermeticamente fechado e guardado num armário com uma lâmpada acesa<sup>71</sup>.

A embarcação arribou finalmente a Cascais, a 2 de Julho de 1610. Mocquet salta para terra, mas a *Nossa Senhora da Penha de França* seguiu a sua viagem ainda durante algumas léguas marinhas até Lisboa. Os restos mortais de André Furtado de Mendonça foram aí desembarcados ao pôr-do-sol e levados com grande pompa para a igreja da Misericórdia. As cerimónias oficiais prolongaram-se até 16 de Outubro<sup>72</sup>.

Durante todo este tempo, Mocquet tinha recuperado os seus poucos haveres e, embora a sua saúde fosse frágil, conseguiu uma vez mais curar as suas

doenças e embarcar rumo a França. Embarcou a bordo do navio de um tal Pierre Simon de la Rochelle, em 17 de Agosto de 1610. A tempestade que fez voltar e afundar sob os seus olhos o navio que os acompanhava, o *Dauphin*, deve ter-lhe parecido coisa de pouca monta após a sua terrível viagem às Índias.

Ao descer para o cais da sua querida cidade de La Rochelle, a 13 de Setembro de 1610, imagina-se um Mocquet feliz por ter concretizado o seu sonho. A travessia foi rica em ensinamentos, é verdade, mas a tristeza vai acompanhá-lo para sempre: tinha tido conhecimento, por uma caravela chegada ao porto de Lisboa, da terrível notícia do assassinato do rei Henrique.

## A REDACÇÃO E AS EDIÇÕES DAS VIAGENS

Pelo que sabemos, Mocquet não voltou a embarcar depois deste fracasso. O “Gabinete de Singularidades do Rei” e a redacção do seu relato das viagens parecem ter ocupado todo o seu tempo a partir de então. Terá trabalhado no projecto que acarinhava e que pensava publicar após o relato, um tratado naturalista, “que tratasse das plantas, árvores, flores, frutos, animais e outras coisas raras” dos países onde tinha permanecido? Seria esta obra o “algo mais” que menciona na sua dedicatória e que esperava poder oferecer um dia ao rei? Não sabemos. O livro não chegou a ser publicado, o mesmo acontecendo com um segundo projecto relativo às Índias e que não era a *Voyage en Ethiopie, Mozambique, Goa et autres lieux d’Afrique, & des Indes Orientales*.

O rasto de Mocquet perde-se quando regressa de Espanha. Um derradeiro documento, datado de 8 de Outubro de 1616, refere que o rei ordena ao tesoureiro do Real Erário que pague a soma de 450 libras a “Jean Mocquet, um dos nossos boticários e chefe do nosso Gabinete das Singularidades no nosso palácio das Tulherias [...] a qual lhe fazemos dom pelos presentes assinados pela nossa mão em consideração dos seus serviços.”<sup>73</sup> A ausência de qualquer menção a seu respeito a partir de 1617 (data de publicação do seu relato) leva a crer que não terá sobrevivido muito tempo após a publicação da sua obra<sup>74</sup>.

O conjunto impresso das suas seis viagens, intitulado *Voyage en Afrique, Asie, Indes Orientales & Occidentales faits par Jean Mocquet, Divisez en six livres & enrichiz de Figures dediez au Roy*, foi publicado em Paris, em 1617, por Jean de Heuqueville e teve um êxito

## OS VIAJANTES EUROPEUS E O MUNDO NATURAL ASIÁTICO - I

imediatamente, confirmado por duas edições no século XVII (Rouen, 1645 e 1665) e por uma tradução holandesa (Dordrecht, 1656). Entretanto, foi publicada, em 1668, uma tradução alemã, com muito má qualidade, seguida de uma tradução inglesa (*Travels and Voyages into Africa, Asia, and America, the East and West Indies, Syria, Jerusalem and the Holy-Land [1617]*, Nathaniel Pullen, Londres, 1696). O texto da sua viagem a Marraquexe foi resumido por Dapper.

Este sucesso é tanto mais meritório quanto os relatos de viagem apareciam na época a um ritmo constante e o texto era confrontado com outros, de carácter mais literário ou mais ricos em observações etnológicas. Foi apenas no século XVIII que caiu no esquecimento. Foi escolhido em 1830 para ser republicado e proporcionar trabalho aos tipógrafos.

### O INTERESSE DAS VIAGENS

Mocquet ocupa um lugar único na literatura de viagens. O seu relato é importante por vários motivos. Apresenta um certo interesse para o nosso conhecimento da mentalidade e da “visão” de um médico da época: trata-se, antes de mais, de um documento de uma grande sabedoria, de extraordinária vivacidade e, quando aborda a experiência pessoal, de uma verdade impressionante.

Existe uma dimensão de diário íntimo no seu relato. A precariedade do estatuto de viajante está aí excelentemente retratada, sem floreios, manifestando-se por pequenas notas austeras, umas mais impressionantes do que outras: a prisão em Moçambique, os sofrimentos suportados, a trivialidade fastidiosa e penosa da viagem, as suas perplexidades e as suas andanças (encontros desagradáveis e perigosos, diligências burocráticas extravagantes ou absurdas, humilhações, luta pela sobrevivência). O próprio viajante deixa-se adivinhar nessas notas mais do que habitualmente: as dúvidas e os medos que o assaltam, a sua profunda solidão que o torna, por vezes, “masoquista” e o coloca frequentemente na posição de vítima, a diversidade das suas reacções às situações e aos acontecimentos imprevistos.

Mesmo não acrescentando nada de verdadeiramente novo à informação etnográfica sobre o Brasil depois de Thévet e Léry<sup>75</sup>, abundam as observações interessantes de carácter antropológico sobre a vida nos países muçulmanos ou nas Índias. A vida religiosa, assim como as relações sociais intercomunitárias e interculturais, não escapam à sua observação.

Tendo como referência os seus próprios valores, Mocquet, homem do seu tempo, está também aberto às novidades do mundo. Alguns juízos de opinião mordazes (e, por vezes, curiosos, como essa condenação das mulheres gordas) e uma xenofobia evidente não impedem que tente descrever os acontecimentos da forma mais justa. Sabe como nos interessar e nos emocionar. Relativiza com frequência: notas de compaixão humana surgem aqui e ali nas *Voyages*. É a visão do médico, distante e experiente, mas capaz de se emocionar perante o sofrimento dos outros. A curiosidade sobrepõe-se aos seus preconceitos: dorme no meio dos índios, partilha as refeições humildes dos hindus; mesmo sendo os muçulmanos os inimigos da Cristandade, atenta cuidadosamente naqueles que o alojaram ao longo das suas viagens ou o ajudaram nos momentos difíceis e não desdenha a sua companhia.

A abordagem de Mocquet, típica da literatura das viagens do seu tempo, em que a moda exigia que se desse uma dimensão maravilhosa e enciclopédica aos relatos escritos, mistura ficção e realidade num emaranhado por vezes inextricável. Não se trata, pois, de fazer qualquer separação: “a aventura e o imaginário”, para retomar uma bela fórmula de Frank Lestringant, entrelaçam-se e complementam-se com êxito. As histórias pitorescas, que alimentam o descritivo do texto, são uma convenção do género. Sem nunca pôr em causa a sua seriedade como médico, o autor recorre ao imaginário exótico e monstruoso para tornar o seu relato mais atractivo e espectacular. As lendas mais divertidas (como aquela das amazonas, aflitas com os pêlos púbicos que lhes chegam até aos joelhos) concorrem com os fantasmas recorrentes da antropofagia (tão na moda neste final do século XVI, assombrado pelo Canibal) e acabam por se perder numa miscelânea de histórias extravagantes (a indiana abandonada pelo piloto inglês, o qual corta em dois o filho de ambos e atira uma metade à infiel no momento em que o navio parte, o comércio sexual dos negros com as otárias, etc.), histórias verosimilmente rebuscadas, contadas ao anoitecer nos conveses, ao sabor dos encontros nos portos e na obscuridade das tendas.

### OBSERVAÇÕES SOBRE AS FONTES

Reconhece-se facilmente as fontes das duas viagens de Mocquet à “Barbaria”. Os mercadores e os marinheiros que frequentavam estas paragens trouxeram-lhe provavelmente informações sobre

## EUROPEAN TRAVELLERS AND THE ASIAN NATURAL WORLD - I

detalhes bem precisos. Algumas reminiscências no texto da sua primeira viagem, aquela que realiza em 1601 ao cabo Branco, indicam que pode ter tido igualmente conhecimento das narrativas portuguesas, o que é verosímil, se pensarmos nas suas várias estadias em Portugal e nos contactos que estabelecia. A região estava assinalada desde o século XV na *Crónica da Guiné* de Gomes Eanes de Zurara (1453), que Valentim Fernandes, João de Barros e Bartolomé de Las Casas utilizaram no século XVI. Do lado francês, os testemunhos sobre estas regiões eram raros na época. Entre Eustache Delafosse (1479-1481) e os relatos de Alexis de Saint-Lô (1635) e de Claude Jannequin (1639) existe praticamente apenas um testemunho sobre a região, aliás sucinto, atribuído ao piloto de La Rochelle, de origem portuguesa, Jean de Fontenau, conhecido por Alphonse de Saintonge (1529).

É interessante observar que a sua terceira viagem, a Marraquexe, reflecte os testemunhos directos de antigos prisioneiros em “Barbaria”. A identidade de dois destes seus informadores é, aliás, revelada: António Saldanha e Pedro César, gentis-homens portugueses feitos prisioneiros em Tânger, que tinham vivido cerca de 15 em cativeiro antes de serem resgatados pelo senhor de Lisle, agente de Henrique IV junto do rei de Marraquexe. Mocquet esteve alojado em casa deste durante a sua estada na cidade, em Setembro de 1605. O relato da batalha de Alcácer-Quibir (1578), na qual o jovem rei português D. Sebastião desapareceu, arrastando consigo as elites militares e a perda da independência de Portugal, colocado por Mocquet na boca de um alcaide muçulmano que se dizia testemunha do combate, foi provavelmente feito por estes prisioneiros. Teriam eles participado na derrota portuguesa? É uma hipótese que não deve ser descartada. Alcácer-Quibir encontra-se a uma centena de quilómetros ao sul de Tânger e Mocquet situa a batalha nesse local. Na verdade, neste caso, o cativeiro teria sido de 27 anos e não de 13 ou 14, mas Mocquet confunde muitas vezes as datas dos acontecimentos que narra. Não se engana ele, aliás, quando afirma que a batalha tinha sucedido 35 anos antes e apenas tinham decorrido 27 anos entre estes acontecimentos e a sua estada em Marraquexe?

Pedro César manterá o contacto com Mocquet e prestar-lhe-á mesmo alguns serviços, dado que será graças à sua família que este último obterá em Lisboa a autorização para embarcar rumo às Índias, em 1610.

A quarta viagem, a Moçambique e a Goa, tem a ver com o *Itinerario, voyage ofte schipvaert van Jan Huygen van Linschoten naer Oost ofte Portugaels Indien* (1596, primeira edição, 1595) do holandês Jan Huygen van Linschoten, e, sobretudo, com o *Discours du Voyage des François aux Indes Orientales* (1615) do francês Pyrard de Laval, que conhece em Goa. De 1601 a 1608, Pyrard permaneceu nas Maldivas e visitou Bengala, Ormuz e Ceilão. Contrariamente a Mocquet, que permaneceu em Goa pouco tempo, Pyrard viveu vários meses na Índia Portuguesa (Cochim, Cananor e Goa) e testemunhou a guerra de Malabar e as primeiras tentativas de desestabilização dos holandeses, tendo sabido retirar daí as consequências. Embora o nosso boticário tenha utilizado ocasionalmente material reunido por outros autores (os longos desenvolvimentos sobre a vida social de Goa e sobre os costumes amorosos da sua população feminina circulavam entre todos os viajantes), o caso de Pyrard era diferente. O relato de Pyrard tinha sido publicado em 1611 e reeditado em 1615, 1619 e 1679. Mocquet tinha consciência do perigo que representava para a sua obra a publicação, com apenas alguns anos de diferença, de um testemunho muito mais completo sobre as Índias do que o seu. Assim, afirma “que seria coisa supérflua de recontar o que tantos outros contaram tão amplamente e tão bem escrito.”<sup>76</sup>

Algumas vezes, ficava dependente de outras fontes. Reconhece-se sem grande dificuldade, na *Voyage à Mozambique & Goa*, a narrativa da trágica aventura de Manuel de Sousa na *História Trágico-Marítima* (primeira edição 1735-1736). Esta compilação bem conhecida de narrativas de naufrágios ocorridos com navios da “Carreira da Índia”, publicadas antes sob a forma de folhetos, foi posteriormente divulgada por toda a Europa sob diferentes formas (ver, por exemplo *Les Portugaiz Infortunez, tragédie inspirée du naufrage de Manuel de Sousa Sepúlveda, par Nicolas-Chrétien Des Croix, à Rouen, chez Théodore Reinsart, 1608*). O episódio ter-lhe-á sido contado por viajantes – “não posso esquecer de registar o que me foi contado” ou terá recorrido à sua versão escrita? De qualquer modo, declara que “desta triste aventura, os portugueses fizeram um romance”, o que deixa supor que teria conhecimento de uma versão escrita. **RC**

## OS VIAJANTES EUROPEUS E O MUNDO NATURAL ASIÁTICO - I

## NOTAS

- 1 E não em Viena, como foi sugerido. Sobre a sua biografia, cf. Ludovic Lalanne, *Dictionnaire historique de la France...*, II, Paris: Hachette, 1877, p.1280; *Biographie universelle ancienne et moderne...*, XXIX, A Paris, chez Michaud Libraire, éd. Rue de Clery, 1821, pp.193-196; Catálogo do Fundo Ferdinand Denis elaborado por Cícero Dias (1907-2003) (autor suposto), Biblioteca de Santa Genoveva, em Paris: C. Dias, 1972 (ver as observações manuscritas de Ferdinand Denis, Ms. 3884). Ver igualmente Eugène Haag, *La France protestante ou vie des protestants français qui se sont fait un nom dans l'histoire ...*, VII, Genebra: Slaktine Reprints, 1966; Henry de Castries, *Agents et voyageurs français au Maroc, 1530-1660*, Paris: E. Leroux, 1911, pp. 47-48.
- 2 “Jean Mocquet est mon nom, Paris est ma patrie natif de Cuissy près Juilly l'abbaye, où le roy va souvent pour prendre les plaisirs, lieu de sa nourriture, contenter ses desirs.”
- 3 “Et des provinces de l'Europe, la France seule emporte le prix, au iugement mesme des nations les plus ennemies d'icelle, soit que l'on considere la bonté, fertilité & beauté de sa terre ... soit qu'on regarde les moeurs de ses peuples, leur pieté, valeur, erudition, iustice, discipline, liberalité, franchise, courtoisie, liberté, & toutes autres qualitez civiles & militaires.” Cf. Jean Mocquet, *Voyages en Afrique, Asie, Indes orientales et occidentales faits par Jean Mocquet, Garde du Cabinet des Singularités du Roi, aux Tuileries*, A Paris: chez Jean de Heuqueville, rue Saint-Jacques, à la Paix, 1617, pp. 23-24.
- 4 “plaisir aux discours que je luy en ay faits à mon retour”. Cf. a introdução de *Voyages...*, s. p.
- 5 Recebeu por isso 600 francos de honorários. Para as edições cf. *infra*.
- 6 *Le portraict au naturel des barbares amenez en France du pais de Topinambous par le Sr. de Razilly pour estre baptizez et converti à la foy de Jesus Christ et presentez à sa Majesté en l'année presente 1613* [o retrato ao natural dos bárbaros trazidos do país dos índios Tupinambá para França pelo Sr. de Razilly para serem baptizados e convertidos à fé de Jesus Cristo e apresentados a sua Majestade no ano de 1613], uma gravura a talho-doce de Pierre Firens feita a partir de um desenho de Joachim du Viert (1613, Biblioteca Nacional, Paris) mostra os seis índios tupinambá vestidos à francesa, com plumas, calções e uma corrente com uma cruz à volta do pescoço. Três deles morreriam de bronquite e os restantes foram baptizados a 24 de Junho de 1613, na igreja do Convento dos Capuchinhos. Foi na companhia destes que Mocquet reencontrou, em Paris, o jovem Yapoco, sobrinho do chefe índio Anacaioury, que tinha conhecido 11 anos antes durante a sua viagem de 1604 ao Maranhão e à Guiana. Para saber mais sobre os infortúnios de Yapoco, cf. as notas da nossa introdução a *Voyage à Mozambique & Goa, La relation de Jean Mocquet (1607-1610)*, Paris Ed. Chandeigne, 1996, pp. 189-190, nota 1.
- 7 Note-se que faz referência, no seu prefácio às *Voyages...* (p. 34), à “terra austral” e às informações fornecidas por Pedro Fernandes de Queiroz e Pedro Fernandes sobre as terras austrais “maiores do que toda a Europa e parte da Ásia”.
- 8 Ver *infra*, no texto deste artigo.
- 9 Cf. *Histoire des drogues, especeries, et de certains medicamens simples: qui naissent és Indes & en l'Amérique, divisé en deux parties. La première comprise en quatre livres / les deux premiers de Me. Garcie du jardin, le troisieme de Me. Cristophe de la Coste, & le quatrieme de l'Histoire du baulme adjouste de nouveau en ceste 2 (...)* La seconde composee de deux livres de Maistre Nicolas Monard, traictant de ce qui nous est apporté de l'Amérique. Le tout fidèlement translaté en François, par Antoine Colin (...), Lyon: Jean Pillehotte, 1619. Sobre o autor dos *Colóquios dos simples e drogas e coisas medicinaes da Índia* (1563), a sua família e a sua genealogia, cf. I. S. Revah, “Garcia de Orta”, Revista da Universidade de Coimbra, 12 (1934).
- 10 Sobre o meio dos boticários, onde oficiava Monardes, ver a biografia deste último e o comentário à sua obra no estudo de C. R. Boxer, “Two Pioneers of Tropical Medicine: Garcia d'Orta and Nicolás Monardes”, Londres: Wellcome Historical Medical Library, Lecture Series, 1963, pp. 18-29.
- 11 Cf. de Charles de l'Écluse [Caroli Clusii], *Rariorum plantarum historia...*: Antverpia: Ex officina plantiniana, apud Ioannem Moretum, 1601.
- 12 Mocquet considera as suas duas primeiras pequenas expedições a Marrocos como uma única viagem: c. *infra*.
- 13 Sob a direcção de Frank Lestringant, os aspectos literários do relato de Mocquet foram objecto de uma dissertação de pós-graduação em Lettres Modernes: Grégoire Holz, *L'intertextualité entre histoire tragique et récit de voyage dans la relation de Jean Mocquet aux Indes orientales (1617)*, Paris: Université de Paris IV, 2000, pp. 2-84.
- 14 Ver a nossa introdução a *Voyage...*, pp. 14-17. A viagem à Terra Santa não apresenta o mesmo interesse do ponto de vista da sua actividade como médico.
- 15 Para a descrição detalhada das suas outras viagens, ver a nossa introdução a *Voyage...*, pp. 11-12 e pp. 191-192 (notas à introdução).
- 16 Introdução a *Voyage...*, pp. 11-12.
- 17 Sobre estas águas abundantes em peixe, ver *Voyage d'Eustache Delafosse sur la côte de Guinée, au Portugal et en Espagne (1479-1481)*, introd. Denis Escudier, Paris: Ed. Chandeigne, 1992, p. 20.
- 18 Para o contexto geral da presença francesa no Brasil, cf. Jorge Couto, *A Construção do Brasil*, Lisboa: Cosmos, 1995, pp. 244-257; sobre De la Ravardière, cf. Bartolomé Bennassar e Richard Marin, *Histoire du Brésil*, Paris: Fayard, 2000, pp. 82-83.
- 19 Introdução a *Voyage...*, p. 12.
- 20 Sobre a questão da antropofagia, cf. Frank Lestringant, *Le Cannibale, grandeur et décadence*, Paris: Perrin, p. 1994, pp. 124-148; do mesmo autor, a introdução a Jean de Léry, *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*, Paris: Le Livre de Poche (ed. anotada), 1994, pp. 14-39; do mesmo autor, *Le Brésil d'André Thévet. Les singularités de la France Antarctique (1557)*, Paris: Ed. Chandeigne, 1997, pp. 33-38.
- 21 Sobre as informações que lhe foram comunicadas por dois prisioneiros antigos, António Saldanha e Pedro César, *Voyage...*, p. 192, nota 1.
- 22 Ver a *Voyage de Pyard de Laval aux Indes Orientales (1601-1611)*, I, Xavier de Castro e Geneviève Bouchon, ed. e introd., Paris: Ed. Chandeigne, 1998, pp. 31-33 e p. 21 do prefácio.
- 23 “venaient seulement pour épier et reconnaître la terre des Indes”, *Voyage...*, pp. 20-21. Encontramos um eco destas proibições nos decretos do primeiro concílio provincial de Goa, apresentados em petição a D. Sebastião (no sentido de proibir no Império a circulação de estrangeiros cristãos não vestidos de forma “cristã” e de muçulmanos vestidos como tal): cf. Roberto Gulbenkian, “Relações históricas entre a Arménia e Portugal na Idade Média até o fim do século XVI, *Anais*, Academia Portuguesa de História, II série, 26/II (1980), pp. 370-371, nota 125 e António da Silva Rego, *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente, Índia (1566-1568)*, X, Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1953, pp. 363-364.
- 24 Cf. igualmente o édito de Filipe II em 1596 a D. Francisco da Gama, in Roberto Gulbenkian, “L'habit arménien. Laissez-passer oriental pour les missionnaires, marchands et voyageurs européens aux XVI<sup>e</sup> et XVII<sup>e</sup> siècles”, *Fraternidade e Abnegação. A Joaquim Veríssimo Serrão os Amigos*, II, Lisboa: Academia Portuguesa de História, pp. 1239-1240.
- 25 A primeira nomeação de D. Cristóvão aconteceu em 1600. Governou até 1603, tendo-se demitido no seguimento de um desentendimento com o primeiro-ministro Francisco de Sandoval, duque de Lerma.

## EUROPEAN TRAVELLERS AND THE ASIAN NATURAL WORLD - I

- Substituído sucessivamente pelas duas personalidades mencionadas, regressou uma segunda vez ao poder (Fevereiro de 1608 a Fevereiro de 1612).
- 26 Sobre as medidas de Filipe III, cf. Jean-François Labourdette, *Histoire du Portugal*, Paris: Fayard, 2000, pp. 289-293 e, para aspectos mais detalhados, a dissertação de pós-graduação de Guida Marques, *Pratiques institutionnelles au temps de Philippe III – L’Influence du gouvernement des Habsbourg au Portugal et au Brésil, 1598-1621*, Paris: EHESS, 1997, pp. 4-22.
- 27 O fecho dos portos portugueses aos navios holandeses serviu de pretexto para a fundação, em 1602, da famosa *Vereenigde Oost Indische Compagnie* (Companhia Holandesa das Índias Orientais) que os seus 17 directores, os famosos Heeren XVII, iriam governar com mão de ferro. Cf. nossa introdução a *Voyage...*, pp. 22-23; Femme S. Gastra, *The Dutch East India Company. Expansion and decline*, Zutphen: De Walburg Pres, 2003, pp. 13-36; Femme Gastra e J. R. Bruijn, “The Dutch East India Company’s Shipping, 1602-1795, in a Comparative Perspective”, *Ships, Sailors and Spices: East India companies and their shipping in the 16<sup>th</sup>, 17<sup>th</sup> and 18<sup>th</sup> centuries*, Amsterdão: NEHA, 1993, pp. 177-208; Niels Steensgaard, “The Dutch East India Company as an Institutional Innovation”, *The Organisation of Interocceanic Trade in European Expansion*, Pieter Emmer e Femme Gastra (eds.), *An Expanding World*, Vol. 13, Aldershot: Variorum, 1996, pp. 133-257.
- 28 Sobre os acontecimentos, nomeadamente os ataques a São Tomé e Príncipe, entre 1598 e 1599, contra Malaca em 1605 e 1606 (por Cornelius Matelief de Jong) e contra a fortaleza de Moçambique em 1607 (por Paul Van Caerden) e 1608 (por Willemsz Verhoeven): cf. nossa introdução a *Voyage...*, pp. 20-23 (Texto dos ataques holandeses, anexo II, pp.161-168, tradução francesa de Ilda dos Santos).
- 29 Apesar das dificuldades, na primeira década do século XVII, as rotas comerciais ainda não estavam desorganizadas. Para um quadro geral da situação, cf. Anthony Disney, *A Decadência do Império da Pimenta, Comércio Português na Índia no Início do Século XVII*, Lisboa: Ed.70, 1981, pp. 67-74.
- 30 Citado por Anthony Disney, *A Decadência...*, p. 81.
- 31 Disney, *A Decadência...*, p. 82, menciona igualmente 14 carracas e galeões.
- 32 Os números divergem. Seguimos o quadro de análise por década elaborado por António Lopes, Eduardo Frutuoso e Paulo Guinote, “O movimento da Carreira da Índia nos séculos XVI-XVIII. Revisão e propostas”, *Mare Liberum*, 4 (1992), p. 234. Cf. igualmente, pp. 208, 213, 215 (listas de V. M. Godinho e C. R. Boxer), pp. 228 e 232; Introdução a *Voyage...*, pp. 27-28.
- 33 *Documentos Remetidos da Índia ou Livros das Monções*, Raymundo António de Bulhão Pato (ed.), I, Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1880, documentos 81 (pp. 244-245), 82 (pp. 245-248) e 84 (pp. 249-251). O documento 83 (pp. 248-249) refere-se à nomeação de André Furtado de Mendonça.
- 34 *Documentos Remetidos...*, doc. 80, de 26.III.1608, p. 243.
- 35 Cf. a nota de Xavier de Castro in *Voyage...* (notas sobre o texto), pp. 48-49.
- 36 “*sortir ce mauvais sang noir et pourri*”, *Voyage...*, p. 48.
- 37 Dito xarope com essência de violeta: *Voyage...*, p. 48. Mocquet não distinguia o escorbuto do beribéri: cf. igualmente, p. 198, nota 2.
- 38 “*les yeux et les plantes des pieds mangés par les rats*”, *Voyage...*, p. 48.
- 39 Os portugueses são identificados como judeus: “*la plupart race de Juifs, d’un naturel malin et méconnaissant*” [a maior parte raça de judeus, naturalmente astutos e desconfiados]. Sobre o cirurgião da armada, cf. *Voyage...*, pp. 66-67. A observação de Mocquet deve ser comparada com a de Pyrrard de Laval, que não distingue os judeus dos cristãos-novos: cf. Pyrrard de Laval, *Voyage de Pyrrard...*, II, p. 613.
- 40 *Voyage...*, p. 49.
- 41 *Voyage...*, p. 54. De notar a semelhança entre a descrição de Mocquet e a de um anónimo de Viena. Um século antes, este anónimo que acompanhava Vasco da Gama durante a sua segunda viagem às Índias (1502-1503) e nos deixou um relato da viagem (Ms. 6948 da *Nationalbibliothek*, Wien, Hist. prof. 856), viu também nestas paragens “peixes extraordinários e gaivotas grandes como cisnes, com o corpo branco, as asas cinzentas e a cabeça branca. [...] Nesse mesmo dia, levantou-se a mais forte tempestade de toda a viagem; e durante esta tempestade vimos dois enormes peixes: um era um “gungeral”, maior que dois almudes, que se projectava fora da água, a sua cabeça alcançava o nosso mastro e, em seguida, voltava a mergulhar, enchendo-nos de medo; o outro peixe tinha o aspecto de uma baleia, mas não tinha barbatanas no dorso, excepto em algumas zonas em que tinha uma barbatana tão grande com o nosso mastro; mexia-se tanto na água e fazia tamanho ruído que tremíamos de medo.” *Voyages de Vasco de Gama. Relations des expéditions de 1497-1499 et 1502-1503*, (textos traduzidos e anotados por Paul Teyssier e Paul Valentin, apresentados por Jean Aubin), Paris: Ed. Chandeigne, pp. 310.
- 42 A rota “por dentro” era a mais rápida, mas também era a mais perigosa. Os “baixos da Judia” (hoje “Bassas da Índia”, uma das “ilhas esparsas” administradas pela prefeitura de Reunião), perigoso conjunto de recifes de coral, cuja reputação sinistra foi assinalada por Mocquet, estavam assinalados por destroços abandonados no meio do canal de Moçambique.
- 43 A fortaleza portuguesa, situada na ilha, tinha estado sob o fogo dos holandeses de Março a Junho de 1607 e tinha acabado de repelir o assalto de Willemsz Verhoeven, cuja esquadra de 13 navios a tinha sitiado de 28 de Julho até 29 de Agosto de 1608: cf. *Voyage...*, Anexo II, pp. 163-188.
- 44 Foi obrigado a reconhecer uma raiz verde, que identificou como turbitto: *Voyage...*, pp. 66-67. Sobre esta e a sua utilização como laxante, cf. Garcia da Orta, *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*, II (fac-símile da edição de 1891), Lisboa: IN-CM, 1987, pp. 327-346 (Colóquio LIV, com a nota erudita do conde de Ficalho).
- 45 Contrariamente ao que pretendia Yvonne David-Peyre, “La peste et le mal vénérien dans la littérature portugaise du XVI<sup>e</sup> et du XVII<sup>e</sup> siècle (III)”, *Arquivos do Centro Cultural Português*, III (1971), p. 362, a “herva babosa” mencionada por Garcia da Orta não tratava as doenças venéreas. A designação de “antac” poderia ter origem na palavra antacanto, da família das acantáceas, planta tropical que cresce em África, Ásia e América: cf. António de Moraes Silva, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, I, Lisboa: Confluência (10.<sup>a</sup> ed.), 1949, p. 906.
- 46 *Voyage...*, pp. 84-85 e 209, nota 2. A digressão de Mocquet é tanto mais curiosa quanto a reputação da pedra: suposta atacar, entre outras, a melancolia e as febres pestilentas, as lombrigas, etc. era conhecida desde a Antiguidade. Cf. entre outras obras, *Colóquios dos Simples...*, II, pp. 231-239 (Colóquio XLV).
- 47 Os portugueses conheciam esta doença pelo nome de “bicho”: cf. *Voyage...*, p. 205 (nota 2, que inclui uma passagem de um texto de Dellon (1709)).
- 48 Mocquet, que tinha seguido os preparativos, presta informações interessantes sobre as modalidades de troca com os negros: cf. *Voyage...*, pp. 75-76.
- 49 Ver a lista compilada por Anthony Disney, *A Decadência...*, pp. 206-207.
- 50 Um exemplo conhecido é o do navio fretado pelo sultão do Cairo, o *Miri*, que cruzou a rota de Vasco da Gama em 28 de Setembro de 1502, perto do monte Eli, nas proximidades de Cananor; sobre o *Miri*, ver Geneviève Bouchon, *Vasco de Gama*, Paris: Fayard, 1997, pp. 246-251.
- 51 *Voyage...*, p. 94.
- 52 *Voyage...*, p. 93.
- 53 *Voyage...*, p. 108. O comportamento dos soldados é referido quer por Linschoten quer por Pyrrard: cf. Victor Luís Gaspar Rodrigues, “A organização militar a bordo dos navios da Carreira da Índia no século XVI, princípios do século XVII”, Lisboa: Academia de Marinha, XIV, 2000, p. 15, e de uma forma geral, “Da Goa de Albuquerque à Goa

## OS VIAJANTES EUROPEUS E O MUNDO NATURAL ASIÁTICO - I

- Seiscentista. Aspectos da organização militar da capital do 'Estado da Índia', Lisboa: Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, MCT, ICT, 2001. Detalhes interessantes em Pyrard de Laval, *Voyage de Pyrard...*, II, pp. 637-641
- 54 Ver o mapa de Goa no *Itinerario. Voyage ofte schipvaert van Jan Huygen van Linschoten naer Oost ofte Portugaels Indien*, Amsterdão, 1595 (reed. 1596, 1604, 1623, 1644, etc.).
- 55 I. Revah, "Garcia de Orta", *Revista da Universidade de Coimbra*, 12 (1934), p. 89. De notar que Jean Mocquet não vem referido na bibliografia, no entanto, muito completa, de José Pedro Sousa Dias, "Bibliografia sobre a farmácia em matéria médica na história da expansão e da colonização portuguesa (séculos XVI a XVIII)", *Mare Liberum*, 11-12 (1996), pp. 165-207.
- 56 C. R. Boxer e Frazão de Vasconcelos, *André Furtado de Mendonça*, s/l.: Fundação Oriente, Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1989, pp. 21-35.
- 57 *Ibidem*, pp. 62-72. Cf. igualmente Niels Steensgaard, "The Dutch East India Company", p. 143.
- 58 C. R. Boxer e Frazão de Vasconcelos, *André Furtado...*, pp. 77-78.
- 59 *Ibidem*, pp. 84-85.
- 60 De acordo com Mocquet, André Furtado sofria de uma "opilação do baço", isto é, de uma oclusão (?) Não conhecemos a relação entre a sua doença e a causa imediata do seu falecimento, *Voyage...*, p. 97.
- 61 "... y a navigé quelques costes, & dit des merveilles de ce pays là, en beauté & bonté; de sorte que cela ressent quelque chose du Paradis terrestre: mais il en faut attendre une plus certaine & ample découverte: Les Geographes & Pilotes Portugais, disent que toutes ces terres Australes sont plus grandes que toute l'Europe & partie d'Asie. Ce Capitaine Pedro Fernandes, y a trouvé les bayes de S. Philippes & S. Jacques, & le Port de Vera-Cruz, qu'il dit estre tresbon, & capable de plus de mille vaisseaux à 155 degrez & demy de hauteur."
- 62 Este misterioso Monfart foi o inspirador de uma obra em Inglês: *An exact and curious survey of all the East Indies*, by Monsieur de Montfart, Londres, 1515. A obra foi redigida por um francês anónimo que recolheu as suas memórias. A segunda edição tem o título *Voyage fait par terre depuyis Paris jusques à la Chine, par le sieur de Feynes, gentilhomme de la maison du Roy Et ayde du maréchal de camp de ses armées. Avec son retour par mer*, Paris, 1630. Faria parte do pessoal doméstico do cardeal de Joyeux e de Luís XIII. *Voyage...*, nota 2, pp. 221-222.
- 63 Ver nomeadamente *Voyage...*, capítulos XXII-XXIV, pp. 104-114.
- 64 "la fertilité de la France est telle qu'elle fournit abondamment l'Espagne, Portugal, Italie & Barbarie, mesme non seulement de bleds, mais de plusieurs autres commoditez; (...) Et croy que les Espagnols & Portugais ne pourroient fournir à si grand nombre de voyages pour les Indes s'ils n'estoient aidez des bleds qu'on leur porte de France pour faire leurs biscuits, outre les voiles cordages, chairs salees, & autres choses nécessaires à fournir leurs vaisseaux."
- 65 C. R. Boxer e Frazão de Vasconcelos, *André Furtado...*, p. 89.
- 66 *Ibidem*, p. 89.
- 67 Ver, por exemplo, *Documentos Remetidos da Índia...*, documentos 81 (pp. 244-245-248), 82 (pp. 245-248) e 84 (pp. 249-251). O documento 83 refere-se à nomeação de André Furtado de Mendonça.
- 68 Podemos perguntar-nos se a purga lhe foi administrada por Mocquet ou pelo cirurgião de bordo, dado que Mocquet não parece defender sistematicamente este tratamento: cf. *Voyage...*, p. 48, a propósito dos mortos por sangria.
- 69 C. R. Boxer e Frazão de Vasconcelos, *André Furtado...*, p. 91.
- 70 Extracto do diário de bordo do sota-piloto Sebastião Prestes, *ibidem*, p. 88.
- 71 Segundo testemunhas contemporâneas, Mocquet teve êxito na sua operação, dado que não se libertou qualquer cheiro dos restos mortais até à sua chegada a Lisboa, *Voyage...*, p. 91.
- 72 Descrição da procissão e das cerimónias em C. R. Boxer e Frazão de Vasconcelos, *André Furtado...*, pp. 91-92.
- 73 "Jehan Mocquet l'un de noz apothicaires et garde de nostre Cabinet des singularitez en nostre pallais des Thuilleries (...) de laquelle nous lui avons fait et faisons don par ces presentes signees de nostre main en consideration de ses services."
- 74 Cf. nossa introdução à *Voyage...*, pp. 18-19.
- 75 A *Voyage* ao Maranhão inscreve-se na linha de *Les singularitez de la France Antarctique autrement nommee Amerique: et de plusieurs Terres et Isles decouvertes de nostre temps* (1557) do franciscano e cosmógrafo real André Thévet (autor também da obra *Cosmographie universelle*, 1575), e, sobretudo, da *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*, 1578, segunda edição em 1580, do artesão franciscano e pastor calvinista em Genebra, Jean de Léry, em relação a quem Mocquet tem uma dívida considerável. O relato de Mocquet é anterior aos relatos de dois missionários no Maranhão, nos anos de 1612 a 1613, os capuchinhos Claude d'Abeville, *Histoire de la mission des Peres Capucins en l'Isle de Maragnan et terres circonvoysines*, 1614, e Yves d'Evreux, *Suite de l'Histoire des choses plus memorables advenues en Maragnan es années 1613 & 1614, 1615*. O leitor reconhecerá no relato da viagem ao Maranhão a referência ao relato de Léry. Existem, na verdade, peripécias comuns aos dois textos. Dois exemplos: o primeiro é aquele onde Mocquet, acompanhado do seu ajudante cirurgião, é convidado a passar a noite numa aldeia de índios do Caribe; enquanto que este último tem calafrios a noite toda com medo de ser comido, Mocquet, por seu lado, toma consciência do perigo e, conhecedor da "malice & la cruauté des ces antropophages & mangeurs de chair humaine" [malícia e crueldade destes antropófagos e comedores de carne humana] não consegue cair num sono profundo. Léry chega à aldeia índia no meio de uma "comezaina" após o massacre de um prisioneiro, cai num torpor perturbado por pesadelos, até que um índio o convida a participar no repasto, brandindo por cima da sua cama de rede um pé humano. Mocquet não assiste aos ágapes dos canibais, mas a ameaça paira sobre si. Atormentado pelo medo, levanta-se duas ou três vezes durante a noite – "ie trouuay cette nuict fort longue" [pareceu-me bem longa esta noite] –, escreve no seu relato) e vai apanhar ar no exterior da cubata onde estava alojado. O desenlace, no fim, é o mesmo: Léry, interpelado alegremente pelos índios na manhã do dia seguinte, compreende que foi vítima de um mal-entendido; Mocquet chega à mesma conclusão ao amanhecer. O segundo episódio refere-se, durante a mesma viagem, à última etapa do regresso a França. Na latitude das Bermudas, o navio entra numa zona de calma e foi necessário racionar os mantimentos. Mocquet recebe oito ou dez libras de pão, mas tinha embarcado consigo vários papagaios que precisava de alimentar. Foi então obrigado a sacrificar o mais guloso, cozinhá-lo e comê-lo, numa espécie de simbolismo premonitório da sorte dos passageiros. Com efeito, nestes entretantos, a tripulação reúne-se pronta para a antropofagia, tirando à sorte o nome da primeira vítima. Na verdade, no porão encontrava-se o grupo de índios que deveria ser sacrificado em primeiro lugar (dos quais o jovem Yapoco já mencionara): mas o vento levantou-se e o navio foi levado até às ilhas dos Açores, varrendo de vez o espectro da iniciação antropofágica. O esquema é idêntico em Jean de Léry. Também ele, no seu navio extraviado, teve que fazer face ao esgotar dos mantimentos e comer os seus papagaios. Também refere a atitude da tripulação e dos passageiros, que se lançavam mutuamente olhares assassinos pensando nesse "acto bárbaro". O navio acabou por reencontrar a sua rota, mas, uma vez a costa bretã abordada, o capitão revelou aos passageiros que se não tivessem conseguido alcançar terra, um deles teria sido sacrificado no dia seguinte.
- 76 Ver, sobre as circunstâncias da redacção do testemunho de Laval, a introdução de Geneviève Bouchon, *Voyage de Pyrard de Laval*, pp. 23-25.